



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG

ALINE PRADO  
BIANCA CRISTINA BARROSO

# **CRECHE: RELAÇÃO ENTRE EDUCADORAS E MÃES**

Orientadora: Cássia Maria Baptista Oliveira

MESQUITA  
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ  
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – DPPG  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “DESAFIOS DO TRABALHO  
COTIDIANO: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS”

## **CRECHE: RELAÇÃO ENTRE EDUCADORAS E MÃES**

ALINE PRADO  
BIANCA CRISTINA BARROSO

Trabalho Final de Curso proposto pelas alunas Aline Prado e Bianca Cristina Barroso sob a orientação da professora Cássia Maria Baptista Oliveira, como requisito parcial para obtenção de aprovação no Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação de crianças de 0 a 10 anos de idade.

MESQUITA  
2009

362.712 Prado, Aline, 1977-  
P896c Creche : relação entre educadoras e  
mães / Aline Prado, Bianca Cristina  
Barroso. - 2009.  
55 f. : il.

Orientador: Cássia Maria Baptista  
Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Especialização em Educação "desafios do  
trabalho cotidiano: a educação das  
crianças de 0 a 10 anos") - Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Instituto Multidisciplinar.

Bibliografia: f. 53-55.

1. Creche - Mesquita (Rio de Janeiro,  
RJ). 2. Pais e professores - Mesquita  
(Rio de Janeiro, RJ). 3. Política  
pública. Mulheres. I. Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Instituto Multidisciplinar. Curso de  
especialização em "desafios do trabalho  
cotidiano: a educação das crianças de 0  
a 10 anos". II. Barroso, Bianca  
Cristina, 1979-. III. Oliveira, Cássia  
Maria Baptista. IV. Título.

# **CRECHE: RELAÇÃO ENTRE EDUCADORAS E MÃES**

ALINE PRADO  
BIANCA CISTINA BARROSO

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cássia Maria Baptista de Oliveira (Orientadora)  
/UFRRJ

Prof. Dr<sup>a</sup> Lílian Maria Paes de Carvalho Ramos

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ligia Cristina Ferreira Machado

Mesquita

2009

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho aos meus pais, a meu irmão, ao meu marido e a minha amiga e companheira de mais uma jornada Bianca, pelo incentivo, cooperação e apoio; pois, além de terem me acolhido durante todo o curso, compartilharam comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

Aline

Dedico este trabalho primeiramente a Deus; a minha filha Elisa, pelo incentivo, apoio e por compreender a minha ausência, durante a realização deste trabalho. Minha amiga e companheira de todos os dias, e também ao longo esse percurso, dividindo angustias e mais essa conquista.

Bianca

## **AGRADECIMENTOS**

A DEUS pela força e inspiração necessária para o desenvolvimento desse trabalho;

Às pessoas que tornaram esse trabalho possível: as mães e educadoras que se dispuseram a participar da pesquisa, possibilitando-nos conhecer um pouco mais sobre esses momentos de suas vidas;

Aos nossos colegas de trabalho que contribuíram de forma incondicional na pesquisa realizada;

Aos familiares sempre presentes nos incentivando a seguir nossa caminhada;

Em especial, a atenção e orientação sempre carinhosa da Prof. Dr. Cássia Maria Baptista de Oliveira.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	09
<b>Capítulo 1 – A LUTA POR CRECHE</b> .....	11
1.1 – ENFATIZANDO A HISTÓRIA DE LUTAS POR CRECHE.....	11
1.2 – A MUNICIPALIZAÇÃO DE MESQUITA .....	13
1.3- POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL EM MESQUITA--	18
<b>Capítulo 2 – CRECHE: PERFIL DAS MULHERES</b> .....	27
2.1 – CEMEI MARGARIDA DA SILVA DUARTE .....	28
2.2 - TRAÇANDO O PERFIL DAS MULHERES-MÃES DAS CRIANÇAS .....	31
2.3 - TRAÇANDO O PERFIL DAS MULHERES – EDUCADORAS .....	39
<b>Capítulo 3 – CRECHE: LUGAR DE HISTÓRIAS DE MULHERES?</b> .....	43
3.1 – HISTÓRIAS DAS MULHERES-MÃES: VOZES SILENCIADAS? .....	43
3.2 HISTÓRIAS DAS MULHERES-EDUCADORAS: VOZES QUE SILENCIAM?-	47
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	51
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	52

## RESUMO

PRADO, Aline e BARROSO, Bianca Cristina, nome. CRECHE: RELAÇÃO ENTRE EDUCADORAS E MÃES. Curso de Especialização em DESAFIOS DO COTIDIANO: EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Nova Iguaçu. 2009.

Este trabalho examina os sentidos e significados de família e creche atribuídos por educadoras e familiares de crianças de uma creche pública, CEMEI Margarida da Silva Duarte, localizada no município de Mesquita, na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Essa pesquisa foi realizada através de entrevistas feitas com as mães e também aos funcionários, foram entrevistados cinquenta e cinco famílias, com o objetivo de traçar um perfil das mulheres-educadoras. Percebemos, no processo de análise das entrevistas, concepções e conflitos que permeiam as relações entre a instituição, as famílias e com o poder público. Procuramos também buscar a importância da creche como espaço articulador das políticas públicas para a infância e o papel da família como parceira na conquista de condições dignas de vida e de desenvolvimento para as crianças brasileiras. Concluímos que um dos desafios para o desenvolvimento da educação infantil é a realização do diagnóstico local para pensar programas e ações focadas na garantia de direitos de crianças e mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE: CRECHE, MULHERES E POLÍTICAS PÚBLICAS.**



## **Introdução**

Somos funcionárias da Prefeitura Municipal de Mesquita, ingressamos na prefeitura no concurso público realizado em 2006, logo tomamos posse e fomos trabalhar na mesma instituição de ensino, a CEMEI Margarida da Silva. Em seguida surgiu uma parceria da Prefeitura com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a UFRRJ, na qual foi oferecido cursos de especialização para os funcionários da rede, nos inscrevemos e aqui estamos cumprindo mais uma etapa de nossos objetivos e é onde se inicia a história desse trabalho.

Por fazer parte do nosso dia-a-dia, esse conjunto de relações e práticas que ocorrem dentro do cotidiano escolar resolvemos conhecer mais esse ambiente em que trabalhamos, um ambiente de prazer e desafio. A creche investigada possui uma história, assim como seus personagens, na luta daquela comunidade tão carente pelo direito de ter uma creche para suas crianças.

A creche constitui-se em um espaço articulador das políticas públicas para a infância, nas diversas áreas – educação, saúde, assistência social, lazer, cultura. É tarefa do Estado, principalmente no nível municipal, elaborar políticas consistentes para cumprir a lei e atender as crianças de zero a seis anos de todas as camadas sociais, cujas mães trabalhem fora do lar, ou não. É preciso, para isso, superar ações isoladas e pontuais. Os diversos setores responsáveis pela elaboração e execução de políticas voltadas para a infância precisam se articular e direcionar suas ações para a creche que tem se constituído em um importante espaço de garantia dos direitos da criança pequena.

Para tanto, as políticas públicas para a infância não podem excluir a família - uma das grandes interessadas no processo de consolidação de uma educação infantil de qualidade. A família precisa deixar de ser considerada como mera usuária de um benefício, caritativo, assistencial ou filantrópico e passar a ser vista como parceira na conquista de condições dignas de vida e de desenvolvimento para todas as crianças brasileiras.

Este estudo busca compreender a importância da creche para as famílias. O foco da presente pesquisa incide sobre o perfil das mulheres, mães e das educadoras que trabalham com as crianças na creche. O objeto é a mulher da creche localizada em Mesquita. As mães e as educadoras constituem os sujeitos privilegiados deste estudo

que evolui tendo em vista uma abordagem quantitativa e qualitativa. O objetivo geral é compreender a importância da creche para a família.

Assim, para aprofundar e contextualizar este estudo, realizamos um levantamento dos dados das fichas de matrícula das crianças e elaboramos um questionário contendo os mesmos dados para ser aplicados com as profissionais da creche. Cabe esclarecer que estes dados foram complementados com o uso de entrevista semi-estruturada. As entrevistas, as fichas de matrícula e os questionários foram utilizados como instrumento de pesquisa. A metodologia e as fontes deste estudo serão descritas no decorrer dos segundo e terceiro capítulos.

## **Capítulo I – A LUTA POR CRECHE**

Este capítulo traz a criação do Município de Mesquita para que se possa compreender os desafios da política pública na educação infantil em função das questões que afligem os profissionais da educação infantil no contexto educacional. A educação infantil como direito da criança à educação, opção da família e dever do Estado, conforme prescrita nas leis: Constituição Federal/98; Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A./90) e Lei de Diretrizes e Bases da Educação (L.D.B./96) representa uma superação de uma tradição de atendimento assistencialista às crianças pobres no Brasil. Nesse contexto, considera-se importante trazer a experiência de uma instituição de educação infantil para pensarmos os desafios que perpassam a educação infantil por meio do estabelecimento de políticas públicas para a educação infantil.

### **1.1 A luta por creches no Brasil**

A História do surgimento das creches no Brasil está ligada ao processo de industrialização e da crescente urbanização das grandes cidades. A partir do final do século XIX, começaram a surgir mudanças na estrutura familiar, no Brasil e no mundo, desencadeadas pela Revolução industrial, o papel social da mulher que até então era o de mãe, dona de casa, restrito a educação dos filhos, toma outro rumo diante do surgimento de indústrias e aumento da produção de fábricas, esses acontecimentos propiciaram o ingresso da mulher das classes populares no mercado de trabalho, com a necessidade de colaborar no sustento de suas famílias, apesar do salário recebido ser muito baixo e insuficiente. Apesar de tudo homens e mulheres ainda continuavam a ter seus papéis e tarefas diferenciados.

Um dos fatores que favoreceram essa entrada das mulheres no mercado de trabalho foi a modernização dos equipamentos nessas fábricas, o manuseio deixou de necessitar de grande força, podendo ser então feito por mulheres e até mesmo por menores. Sobre as condições de trabalho, Toledo (2003) ressalta que:

Nas indústrias têxteis trabalhavam de 10 a 12 horas por dias com água até os joelhos, por que as máquinas eram movidas a vapor. Apesar de continuarem a ouvir a fábula de que nasceram pra ser mães, eram obrigadas a abandonar seus filhos à própria sorte para passarem o dia inteiro nas fábricas.

Diante de uma jornada de trabalho tão extensa, as mulheres se viam obrigadas a deixar seus filhos sob a guarda de outras pessoas, ou até mesmo ficando sozinhas em suas residências. ENGELS, 1986, sobre a realidade dessas crianças na Inglaterra nesse período nos diz:

Crescem, entregues a si próprias como ervas daninhas, entregam-nas para serem guardadas por um Shiling ou Shiling e meio por semana, e podemos imaginar como são tratadas. É por isso que se multiplicam de uma maneira alarmante, nos distritos industriais, os acidentes de que as crianças são vítimas por falta de vigilância.

Essa situação não difere da realidade do Brasil, as pessoas responsáveis pelo “cuidado” dessas crianças eram chamadas de “criadeiras” sendo chamadas também de “fazedoras de anjo” devido a alta taxa de mortalidade das crianças nesse período, na década de 20 foram surgindo algumas creches com a finalidade de reduzir a mortalidade infantil e diminuir tensões sociais, causados por protestos sobre as péssimas condições de trabalhos que essas mulheres eram submetidas, essas creches foram criadas junto as fábricas para o atendimento aos filhos dos operários, fora desse contexto entre as décadas de 30 e 50 não eram muitas as creches existentes, essas sobreviviam de donativos e entidades filantrópicas, sendo atribuída o papel de “Mal necessário”, durante a era Vargas, com o aumento da mão de obra importada, fez com que as creches fossem recomendadas.

Antes desse período, ou seja, no início da República as creches se assemelhavam a asilos devido ao atendimento quase que exclusivo as crianças órfãs, suas atividades eram restritas a atendimentos médicos, sanitários e de cuidados, existiam em torno de 15 creches nesse período.

Somente a partir da década de 50, com o avanço da industrialização a creche surge como agente de promoção social, durante os governos militares esta continua a ter a função de cuidar de crianças carente e é vista como um favor prestado pelo Estado às crianças e suas famílias.

Na década de 70 começaram as reivindicações nos grandes centros urbanos pelas creches, liderados pelos novos movimentos sociais aumentando assim o quantitativo de instituições mantidas pelo poder público, porém o número de crianças atendidas ainda era irrisório, favorecidos também pela regulamentação dos direitos da mulher e programas de assistenciais as crianças de até 7 anos, organizações como UNESCO, entre outras, acabaram influenciando as políticas de atendimento a infância, o

atendimento a essa faixa etária passa ser então um recurso de superação ao subdesenvolvimento e de progresso.

## **1.2 – A Municipalização de Mesquita.**

Mesquita é um município que faz parte da Baixada Fluminense, região da área metropolitana, que congrega 13 municípios do estado do Rio de Janeiro, com uma população de cerca de 3,5 milhões de habitantes e onde são gerados 25% do PIB (Produto Interno Bruto) industrial deste estado.

As terras de Mesquita, há aproximadamente 500 anos, foram habitadas por índios, os “Jacutingas”, apelido dado pelos colonizadores portugueses. Com a guerra entre esses índios e os portugueses, além das doenças, centenas de índios foram dizimados. Hoje em dia, o único bairro em toda baixada que ainda preserva a memória dos indígenas é o de Jacutinga.

A região de Mesquita também já abrigou engenhos que produziram açúcar e aguardente, utilizando a mão de obra escrava, por volta do ano de 1700. Com a chegada da ferrovia no ano de 1884 e com a abolição da escravidão, essas fazendas já não eram mais lucrativas, então foram vendidas, dando início então ao aparecimento das olarias, as residências nesse período eram poucas e existiam também vários laranjais. A população nesse período era de apenas 9.109 mil habitantes (site: comgraca.com), dez anos mais tarde, com a venda dos loteamentos, decorrente da decadência da produção de laranjas a população atingiu 28.835 mil habitantes. A partir de então, algumas empresas como a BRASFERRRO (que hoje deu lugar ao atual prédio da prefeitura), IBT, LUDOLF& LUDOLF, fábrica de telhas e a PUMAR começaram a se estabelecer na região, elevando assim a economia da localidade e empregando centenas de moradores Mesquitenses.

Essas indústrias também fazem parte das lembranças de trabalho de muitos moradores, como nos conta Vera Sepúlveda no livro *"Das Terras de Mutambó ao Município de Mesquita – Memórias da Emancipação nas Vozes da Cidade"*, da atual Secretária de Educação do município de Mesquita, Maria Fátima de Souza Silva:

[... ] É, tem memórias muito interessantes. Agora, daí uma coisa vai puxando a outra. Existia ali a Olaria Gigante, onde todo mundo

daquela área era funcionário da Olaria gigante. Um homem adolescente que precisasse trabalhar, também trabalhasse na olaria Gigante. Só que ali havia um regime ainda do tempo do coronelismo, não é. O dinheiro que era pago aos funcionários era uma moeda furada e essa moeda só tinha valor pra cantina da, da olaria. Então o funcionário trabalhava, recebia e era obrigado a comprar tudo na Olaria. [...] (Entrevista realizada em Junho de 2004.)

Apesar de ser um dos municípios mais novos da Baixada Fluminense, com um pouco mais de 9 anos, desde a década de 50 foram realizadas tentativas de emancipação. Tem-se notícia, a partir de artigos veiculados pela imprensa escrita e conversa com os próprios moradores da região de que as primeiras ações a favor da emancipação nesse período ocasionaram um processo encaminhado à Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e ao Governo do Estado em 1962 para ser sancionado, porém esse processo desapareceu no Palácio do Governo, que nessa época situava-se em Niterói, tendo assim fracassado essa primeira iniciativa.

Em seu livro, Silva (2007) relata essa tentativa de emancipação frustrada, em 1957 e trazendo relatos, daqueles que lutaram para transformar Mesquita em cidade, em depoimento, Sr. Edmundo Nascimento, morador antigo de Mesquita expõe o fato:

[...] Daí eu comecei a andar mais e conhecer mais. Foi exatamente aí quando no dia 05 de maio de 57, aqui na sede de um clube de futebol que nós tínhamos, o “Sete de Setembro”, na rua Maria Vecchi, esquina com Mr. Watkins, sobrado, aonde hoje, é, embaixo, é uma, uma, caldo de cana, uma lanchonete, e ali foi a primeira reunião que nós tivemos para a emancipação de Mesquita, presidida pelo Doutor Jackson Trindade, irmão do Regner Trindade [...].

Essas iniciativas ocorreram em um período em que os municípios ganharam maior autonomia política, administrativa e financeira proporcionada pela constituição de 1946, que reconheceu os municípios como uma das divisões político-administrativas do país, como também o aumento das repartições de receitas federais.

Já na década de 80 com o fim do regime militar, retoma-se a luta pela redemocratização, culminando com a promulgação da Constituição Federal de 1988 que elevou o status dos municípios, quando nos diz em seu art 1º que a República Federativa do Brasil é formada pela união indissolúvel dos estados e municípios e do Distrito Federal. A partir daí, a luta pela emancipação ganha força novamente, ocorreram nesse período plebiscitos e iniciativas mais concretas de tentativa de emancipar Mesquita, outro fator importante para esta retomada está relacionado ao fato de que os recursos

destinados aos municípios aumentaram, como o Fundo de Participação dos Municípios (FPM). Gomes e Mac Dowell (2000), sobre ao surgimento de inúmeros municípios nesse período, nos dizem que:

Os distritos se convertem em municípios, em primeiro lugar, porque suas populações e elites políticas percebem que podem fazê-lo, ou seja, porque a descentralização política lhes deu uma parcela de poder anteriormente monopolizada por Brasília; e, em segundo, porque isso lhes aumenta o status e os recursos financeiros.

O primeiro plebiscito em Mesquita ocorreu em 6 de setembro de 1987, esse não alcançou quorum necessário, depois deste viriam mais dois, um no ano de 1993 e o outro em 1995. A partir do plebiscito de 1993, o ex-deputado, José Montes Paixão [1]<sup>1</sup> (PMDB) começa a fazer parte da comissão pró-emancipação, liderando e intensificando a divulgação do novo plebiscito, conscientizando a população da importância do comparecimento às urnas, que seria realizado em 1995, além de injetar dinheiro na campanha pela emancipação, o que impulsionou o movimento.

Em 1999 o Supremo Tribunal Federal, decidiu emancipar Mesquita do município de Nova Iguaçu, sendo votado em 15 de setembro de 1999 o projeto de lei da emancipação, sendo sancionado pelo então governador Anthony Garotinho em 25 de setembro de 1999, elevando então mesquita à condição de município do estado do Rio de Janeiro pela lei nº3253 de 25/9/1999.

Sobre a dificultosa emancipação de Mesquita o jornal O Globo relata:

O processo de emancipação de Mesquita foi o mais difícil de todos os sete municípios que se separaram de Nova Iguaçu desde a década de 40. Iniciado em 1957, o movimento chegou a ter um hino nos anos 60, quando foi realizado o primeiro plebiscito. (O GLOBO, 28/04/2002).

Uma matéria feita pelo jornal O Dia, sobre a comemoração de 150 Anos da Baixada, ao reconstruir o histórico da emancipação de Mesquita escreve o seguinte:

---

<sup>1</sup> [1] José Montes Paixão nasceu em Campo Grande em 7 de março de 1927, atuou na política desde 1950, foi vereador de Nova Iguaçu em 51 e 54, mais tarde foi eleito deputado estadual pelo MDB, Em 1969, teve o mandato cassado pelo AI-5, mas voltou à política em 1978 como deputado estadual em 2000, foi eleito o primeiro prefeito da cidade. Paixão morreu em 2004 aos 77 anos em pleno exercício do mandato

Cidade caçula do estado do Rio, Mesquita foi criada em 1999, quando se emancipou de Nova Iguaçu. O processo de transformação do antigo bairro em município, no entanto, começou há mais de 40 anos antes, num episódio envolto em mistério, que foi também a primeira de uma série de tentativas frustradas de emancipação. (O Dia na Baixada, 2004: 17.)

As primeiras eleições da cidade ocorreram no ano de 2000, saindo-se vitorioso José Montes Paixão, que fazia parte do Comitê pró-Emancipação. A cidade é instalada a 1.º de janeiro de 2001.

Contudo o município surgiu desacreditado por alguns políticos, devido à escassez de empresas na cidade e também a falta de terrenos para que as mesmas pudessem se instalar no local, pois a cidade conta com uma área extensa de preservação ambiental além do campo de Gericinó que é uma área militar. Na época o secretário municipal de urbanismo e meio ambiente de Nova Iguaçu Vicente Loureiro, em entrevista a revista época (ed 78 15/11/99) declarou: “não vejo atividade econômica que justifique esperanças. Ao contrário, estimo que o novo município precise de R\$ 300 milhões para montar uma infra-estrutura decente”.

Atualmente, o município tem como Prefeito Artur Messias (PT)<sup>2</sup>, que é ovacionado pela população que reconhece o seu trabalho pelo crescimento do município. O Prefeito foi reeleito e está no seu segundo mandato.

A cidade vem crescendo desde sua emancipação, anteriormente contava com uma rede municipal composta de 16 escolas públicas e 9 postos de saúde, atualmente são 26 unidades escolares, sendo 5 creches, que atendem diariamente cerca de 288 crianças, pré-escola, 10 creches comunitárias, que atendem 674 crianças diariamente e 21 escolas de ensino fundamental, na educação de jovens e adultos são atendidos ao todo 3.048 estudantes. Atualmente, são 15.173 mil alunos matriculados na rede pública de Mesquita.

O município tem hoje uma população predominantemente feminina e juvenil segundo o IBGE (2003), é um município que ainda depende fortemente dos repasses do Governo Federal, como o Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços (ICMS) e também do fundo de desenvolvimento dos municípios. Mesquita arrecada mensalmente

---

<sup>2</sup>Arthur Messias da Silveira, tem 46 anos, casado e pai de dois filhos, é jornalista e especializado em Políticas Sociais pela UERJ, morador de Mesquita há 40 anos. Foi coordenador do Projeto de Alfabetização de jovens e adultos, premiado pela UNESCO em 1998. Nas funções legislativas exerceu os cargos de vereador e de deputado estadual, no Governo Lula, ocupou a função de gerente regional para o Sudeste do Ministério do Desenvolvimento Social.



cerca de 9 milhões de reais, sendo quase 7 milhões de repasses do Governo Federal, como rendimento de petróleo e recursos destinados à saúde e educação (FUNDEB), segundo a última prestação de contas realizada no mês de dezembro / 2008 (fonte: portal eletrônico da prefeitura de Mesquita). Desde 2005 o município vem tentando atrair para localidade mais empresas, oferecendo como atrativos alguns benefícios como a redução de ISS e o cancelamento da taxa de renovação de alvará.

No que diz respeito ao Produto Interno Bruto - PIB, a fundação CIDE, em 2003, apontou a concentração na área de serviços de 48,08%, seguindo-se da indústria com 46,65%, o município participa com 0,38 % do PIB estadual e 0,56% da região Metropolitana.

Mesquita possui hoje um IDH (índice de desenvolvimento humano) de 0.762, equiparando-se a Nova Iguaçu (0,762), esse índice é considerado médio (entre 0,500 e 0,799) já que o índice varia de zero – nenhum índice de desenvolvimento a 1- desenvolvimento humano total, isso no entanto não reflete a situação da localidade já que esse indicador é o resultado de três sub-índices, que englobam as análises educacionais, renda e longevidade da população, o item renda é medido pelo poder de compra da população, tendo como base o PIB Per Capita, que no município é de R\$ 5.824 (IBGE), o que não revela a realidade no município, índice alto se levado em consideração à situação de boa parte dos mesquitenses, mas no entanto como o quantitativo de moradores não é muito alto, isso faz com que o PIB seja elevado, posteriormente interferindo no IDH de Mesquita. Apesar das carências, no que tange a educação, o IDEB do município se encaixa na média dos municípios brasileiros, como podemos ver abaixo:

- Rede municipal: 1ª a 4ª séries – 3,7; 5ª a 8ª - 3,4.

O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no censo escolar e médias de desempenho nas avaliações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas, o INEP e a PROVA BRASIL – para os municípios, o índice varia entre 0 e 10 e quanto mais próximo de 10, melhor é a qualidade do ensino, esse índice possui grande importância por ser uma ferramenta de condução das políticas públicas em prol da melhoria da qualidade de ensino, e não apenas um indicador estatístico, pois possibilita também uma projeção de metas individuais buscando uma melhoria da qualidade do ensino.

Esses dados indicam que a promoção da educação de qualidade no município ainda é um desafio a ser enfrentado pelas políticas públicas. A seguir, abordaremos a implantação da educação infantil em Mesquita.

### **1.3 – Políticas públicas para a Educação Infantil em Mesquita**

“... A escola pública pode e deve voltar a exercer um papel central no nosso sistema educacional, desde que se faça uma avaliação correta dos seus problemas, um planejamento lúcido das prioridades e uma operacionalização adequada e corajosa das soluções que se fizerem necessárias.”

Jaime Pinsky

Ao falar em políticas públicas voltadas para Educação Infantil, não podemos deixar de citar a Constituição Federal de 1988, uma vez que ela é a primeira lei que estabelece a Educação Infantil como direito das crianças, opção da família e dever do Estado oferecer atendimento as crianças de zero a seis anos nas instituições de educação infantil, creches e pré-escolas. No que diz respeito aos recursos destinados à educação, a constituição estabelece que os municípios devam destinar vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos para a educação.

Em 1996, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, estabelece diretrizes e bases para educação nacional, em seu Art. 21º integra a educação infantil à educação básica, sendo também a primeira vez que o termo “educação infantil” aparece em uma lei nacional, a LDB coloca a criança num lugar de sujeitos de direitos e destaca também no seu art. 29º os objetivos da educação infantil:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Percebe-se através destas leis que a educação infantil vai aos poucos garantindo espaço no cenário educacional. No entanto, a LDB, deixa de lado assuntos como recursos destinados a essa faixa etária, posteriormente, com a Emenda Constitucional nº 14, regulamentada pela Lei nº 9.424/96 a implementação do Fundo de Manutenção Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de valorização do magistério ( FUNDEF ) vem destinar recursos para o Ensino Fundamental, ficando a critério dos municípios destinar ou não, recursos para a educação infantil. Somente em 2006, após a

transformação do FUNDEF no Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB<sup>3</sup> é que os recursos provenientes desse fundo começaram a ser reservados a essa faixa etária, destinando-se a formação dos gestores, orientadores e professores, excluindo os auxiliares de creche, dirigentes de turno e secretários. Sobre isso, Kramer (2001) nos fala que:

Temos uma política de educação infantil que venha assegurando expansão da cobertura, fortalecimento da nova concepção de infância e promoção da melhoria da qualidade como postulavam os documentos oficiais que o MEC elaborou em meados da década de 90? Até agora, em nível nacional, temos mais do que diretrizes e "referencial"? Em nível local, é preciso que as propostas de formação redundem em avanço da escolaridade e carreira, o que acontece em poucos municípios. A ação do MEC tem sido, infelizmente, tênue (para não dizer omissa) em relação a esta questão, seja pela pequeníssima destinação de recursos para a formação feita pelos municípios, seja porque a liberação desses recursos não tem implicado em mudanças de carreira ou salário. Existe uma política nacional de formação dos profissionais da educação infantil?

Com a incumbência de controlar e estabelecer regras para a educação infantil, os municípios criaram o seu sistema municipal de ensino e posteriormente o Conselho Municipal de Educação, propiciando espaços de participação direta, indireta e representativa da sociedade, na execução e gestão dessas políticas públicas.

O ex-prefeito de Mesquita, José Montes Paixão, através da Lei nº 008 de 06 de março de 2001, criou o Conselho de Educação do Município de Mesquita – CEMM. Esse órgão tem como finalidade básica assessorar, normatizar, orientar, acompanhar e fiscalizar o sistema municipal de ensino no Município, ficando restrito à educação infantil e ao ensino fundamental. Seus objetivos são:

- Promover estudo junto à comunidade visando a elaboração Política Municipal de Educação do Ensino Fundamental, creche e pré-escolar;

---

<sup>3</sup> O **FUNDEB** foi criado em 2006, para substituir o antigo Fundef (Fundo Nacional de desenvolvimento do Ensino Fundamental) e, tem como característica principal financiar toda a educação básica. Com as modificações que o **FUNDEB** oferece, o novo Fundo atenderá não só o Ensino Fundamental (6/7 a 14 anos), como também a Educação Infantil (0 a 5/6 anos), o Ensino Médio (15 a 17 anos) e a Educação de Jovens e Adultos. O **FUNDEF**, que vigorou até o fim de 2006, permitia investimentos apenas no Ensino Fundamental nas modalidades regular e especial, ao passo que o **FUNDEB** vai proporcionar a garantia da Educação Básica a todos os brasileiros, da creche ao final do Ensino Médio, inclusive àqueles que não tiveram acesso à educação em sua infância.

- Zelar pela preservação e o aprimoramento da qualidade de ensino no município;
- Estabelecer metas e prioridades para a aplicação dos recursos financeiros na melhoria da área da educação;
- Aprovar e fiscalizar a aplicação trimestral dos recursos financeiros destinados à manutenção e ao custeio do ensino no Município;
- Implementar normas destinadas à implantação do programa de material didático; transporte, alimentação e de assistência à saúde aos alunos da rede escolar do Município; entre outras ações.

Esse conselho é composto por doze membros designados pelo Poder Executivo, sendo esses, 6 representantes governamentais e 6 não governamentais, dentre pessoas de comprovada atuação na área educacional e de relevantes serviços prestados à Educação (Art. 3º), sendo presidido pelo Secretário Municipal de Educação, tendo os seus conselheiros um mandato de 02 anos. No âmbito das lutas para abranger os espaços de participação política, os setores organizados da população brasileira, em especial os educadores, têm desempenhado importante papel no sentido da democratização das políticas públicas de educação.

Aos Conselhos Escolares cabe reforçar o projeto político-pedagógico da escola, como a própria expressão da organização educativa da unidade escolar, que deverá orientar-se pelo princípio democrático da participação.

Somente no ano passado (2008) a Prefeitura de Mesquita, através da Secretaria Municipal de Educação, empossou no último ano, 316 conselheiros eleitos nas 27 unidades escolares, que irão ajudar a dirigir a escola. A solenidade contou com a presença do representante do MEC no Rio de Janeiro, Cícero Mauro Fialho.

Segundo o portal eletrônico da prefeitura, Fialho elogiou a iniciativa da Prefeitura em criar os Conselhos Escolares e destacou algumas estatísticas positivas do Brasil na Educação. "Mesquita está no caminho certo. Uma cidade tão nova só tem a ganhar trilhando seu desenvolvimento a partir da educação".

De acordo com a secretária de Educação de Mesquita, Maria Fátima Souza, os Conselhos Escolares permitirão um regime de colaboração maior da população, propiciando uma participação mais ativa por parte da comunidade, propondo coisas que, a médio e longo prazo, vão transformar a vida em sociedade, a partir da criação do conselho escolar a prefeitura pretende enfrentar as dificuldades do processo de

aprendizagem como evasão escolar, repetência, qualidade do ensino e da merenda, uniforme, material didático, entre outros.

Vale ressaltar ainda, que se faz necessário, esforços para induzir a criação e o fortalecimento de Conselhos Escolares para que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino ofertado e para garantir a efetiva participação das comunidades escolares e local na gestão das escolas.

A grande dificuldade em realizar a pesquisa deveu-se à falta de documentação na prefeitura de Mesquita acerca de políticas públicas para a educação infantil. Por esta razão, as informações obtidas para este trabalho monográfico foram adquiridas por via oral, ou seja, por meio de entrevistas com as pessoas que participaram da criação do município.

Antes de ser emancipada, o bairro de Mesquita contava com apenas duas creches C. M. Carmem Montes Paixão localizada, no Centro e a outra com o nome de C. M. Sete Anões localizada no bairro de Santa Terezinha. Essas creches atendiam crianças de 2 a 6 anos e estavam sob a administração da Secretaria Municipal de Assistência Social de Nova Iguaçu, onde as crianças eram assistidas por monitoras. No ano de 2000, essas unidades passaram da administração da Secretaria Municipal de Assistência Social de Nova Iguaçu para a administração da Secretaria Municipal de Educação de Mesquita.

Com a emancipação efetivada, em 2001, a administradora da creche Carmem Montes Paixão saiu e os funcionários que trabalhavam nessas creches foram devolvidos para o município de Nova Iguaçu, e as unidades foram reformadas. Após a reforma, a creche passou a funcionar com um corpo de funcionários composto por professores, nutricionista, pediatra, coordenador pedagógico que foram contratados por uma cooperativa denominada MULTIPROF, pois o concurso só foi realizado cinco anos depois, no ano de 2006.

Em 2003, com recursos do governo estadual, o programa Nova Baixada<sup>4</sup>, inaugurou mais duas unidades em Mesquita, o CEMEI Margarida da Silva Duarte e a creche Nilo Dias, ambas localizadas na Chatuba. Uma terceira creche seria implantada por esse programa, no bairro de Santa Terezinha, porém a prefeitura alegou na época, não ter condições de sustentar mais uma unidade.

---

<sup>4</sup> O Programa Nova Baixada tem como principal objetivo assegurar aos habitantes da Baixada Fluminense padrões mínimos e universalizados de qualidade de vida. O programa propõe ações integradas nos setores, social e de infra-estrutura, visando a melhoria do meio ambiente, a adequada urbanização dos bairros e a valorização da cidadania atuando diretamente em três vertentes: melhoria dos bairros; infra-estrutura complementar de serviços e desenvolvimento institucional.

Esse programa foi uma ação justificada pela dificuldade dos municípios priorizarem em suas gestões, o atendimento sócio-educativo e conseqüentemente a formação continuada de seus educadores e professores, de acordo com Yvone Costa de Souza<sup>5</sup>. Durante três anos, o quadro funcional que garantia o funcionamento destas duas creches era composto por funcionários contratados pela cooperativa.

O programa abrangeu as cidades de Belford Roxo, São João do Meriti, Duque de Caxias e Mesquita. Com ele os municípios ofereceram atendimento a cerca de 2 mil crianças de 0 a 6 anos, além de aumentar a oferta de emprego e aproveitamento da mão-de-obra dos próprios municípios contemplados. Os profissionais que trabalharam nas unidades escolares construídas pelo programa receberam capacitação por um período de três meses, para implementar uma gestão participativa na creche e desenvolver projetos pedagógicos, além de propor um trabalho direcionado às famílias.

O programa foi implementado através da Secretaria Estadual de Integração Social (SIEG), em parceria com a Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e os Municípios de Belford Roxo, São João do Meriti, Duque de Caxias e Mesquita.

Em 2006, foi realizado o primeiro concurso público da Prefeitura Municipal de Mesquita - Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Turismo, Esporte e Lazer para preenchimento de vagas em cargos de nível Superior, Médio e Fundamental e com as descrições que seguem abaixo. Este fato é um marco na história do atendimento às crianças de 0 a 6 anos na educação infantil porque considera-se que o concurso público significa o Estado assumindo o seu dever de oferecer o serviço de educação infantil e ensino fundamental à população infantil.

O concurso público foi realizado para os cargos e funções que são descritos abaixo:

- Orientador Educacional - Identificar as características da clientela escolar, atuando na prevenção dos problemas que resultem em baixo rendimento da aprendizagem; participar de programas de recuperação de alunos.. Remuneração: R\$ 900,00 (novecentos reais). Jornada de Trabalho: 24 (vinte e quatro) horas semanais.

---

<sup>5</sup> *Yvone Costa de Souza - Professora e Mestranda em Educação/UERJ e coordenadora pedagógica da Creche FIOCRUZ*

- Professor I - Ministras aulas nas turmas de 5ª à 8ª séries do ensino fundamental, de acordo com as diretrizes curriculares estabelecidas no projeto pedagógico do município. Remuneração: R\$ 900,00 (novecentos reais). Jornada de Trabalho: 16 (dezesesseis) horas semanais.
- Supervisor Educacional - Participar da definição do projeto político pedagógico; planejar, implementar e avaliar a ação supervisora nas unidades escolares. Desenvolver outras atribuições compatíveis com sua especialização profissional. Remuneração: R\$ 900,00 (novecentos reais). Jornada de Trabalho: 24 (vinte e quatro) horas semanais.
- Agente Pedagógico – Administrativo (Dirigente de Turno) - Cuidar da segurança do aluno nas dependências e proximidades da escola; inspecionar o comportamento dos alunos no ambiente escolar. Orientar alunos sobre regras e procedimentos, regimento escolar, cumprimento de horários; ouvir reclamações e analisam fatos. Prestar apoio às atividades acadêmicas; controlar as atividades livres dos alunos, orientando entrada e saída de alunos, fiscalizando espaços de recreação, definindo limites nas atividades livres. Organizar ambiente escolar e providenciar manutenção predial. Remuneração: R\$ 600,00 (seiscentos reais). Jornada de Trabalho: 40 (quarenta) horas semanais.
- Auxiliar de Creche/Pré-escolar - Ensinar e cuidar de alunos na faixa de zero a cinco anos; orientar a construção do conhecimento; elaborar projetos pedagógicos; planejar ações didáticas e avaliar o desempenho dos alunos. Preparar material pedagógico; organizar o trabalho. No desenvolvimento das atividades, mobilizam um conjunto de capacidades comunicativas. Remuneração: R\$ 400,00 (quatrocentos reais). Jornada de Trabalho: 30 (trinta) horas semanais.
- Professor II - Ministras aulas nas turmas de 1ª etapa à 4ª série do ensino fundamental, de acordo com as diretrizes curriculares estabelecidas no projeto pedagógico do município, que ainda não foi construído. Remuneração: R\$ 900,00 (novecentos reais). Jornada de Trabalho: 24 (vinte e quatro) horas semanais.
- Professor II/Educação Especial - Garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais. Remuneração e carga horária: a mesma.

- Professor Educação Infantil - Ensinar e cuidar de alunos na faixa de zero a seis anos; orientar a construção do conhecimento; elaborar projetos pedagógicos; planejar ações didáticas e avaliar o desempenho dos alunos. Preparar material pedagógico; organizar o trabalho. No desenvolvimento das atividades, mobilizar um conjunto de capacidades comunicativas. Remuneração e carga horária: a mesma de professor II.
- Secretário Escolar - Organizar o serviço de secretaria da escola, cuidando do seu funcionamento, da documentação do aluno e do professor, do registro, expedição, arquivamento, incineração e segurança dos documentos, da matrícula, da transferência e de outros documentos que comprovam a vida escolar dos alunos. Assessorar a direção da escola no que se refere à legislação educacional. Remuneração: R\$ 600,00 (seiscentos reais). Jornada de Trabalho: 30 (trinta) horas semanais.
- Merendeira - Organizar e supervisionar serviços de cozinha em locais de refeições, planejando cardápios e elaborando o pré-preparo, o preparo e a finalização de alimentos, observando métodos de cocção e padrões de qualidade dos alimentos. Remuneração: R\$ 400,00 (quatrocentos reais). Jornada de Trabalho: 40 (quarenta) horas semanais.

Cabe destacar que o Plano de Cargos e Salários dos Servidores da Educação ainda está sendo elaborado por uma comissão que pretende encaminhá-lo a Câmara de Vereadores até o final do ano de 2009.

A LDB de 1996 – em seu artigo 62, inciso I – determina que a formação mínima para o profissional de Educação Infantil seja a de Nível Médio, na modalidade normal, embora a mais desejável é a formação em Nível Superior, em curso de Licenciatura, e Graduação Plena, em universidades e institutos superiores de educação, esse era um dos requisitos para o preenchimento do cargo de professor de educação infantil, enquanto que para o cargo de auxiliar de creche era necessário o ensino médio.

Em relação à formação de professores, a prefeitura tem oferecido cursos de extensão em parcerias com as universidades Uerj e UFRRJ, como o Pró – letramento entre outros, e dois Cursos de Pós-Graduação Lato Sensu, voltados para os profissionais do Magistério efetivos da Rede Municipal de Ensino. No entanto, essa formação continuada está voltada para os professores da rede pública. Os auxiliares não



participam porque ficam com as crianças na creche, uma vez que as creches precisam estar abertas porque as mães precisam trabalhar.

No que diz respeito à formação de profissionais, a questão do professor e da auxiliar de creche necessita reflexão porque na prática eles exercem a mesma função, ou seja, educam e cuidam das crianças, possibilitam a construção do conhecimento, avaliam, planejam, preparam material pedagógico e organizam o trabalho, apesar da remuneração diferenciada.

Segundo o documento intitulado “Política Nacional de Educação Infantil” (BRASIL, 1994) elaborado pela Coordenação Geral de Educação Infantil do MEC, a formação do educador deve estar aliada ao reconhecimento e a valorização do profissional, o que envolve, essencialmente, melhoria salarial, plano de carreira e condições de trabalho.

Esta perspectiva é reiterada pelo Plano Nacional de Educação-Lei no 10.172/2001, na parte IV, que afirma a importância e a valorização do magistério, por meio de uma política global de magistério.

Além da formação continuada dos profissionais de educação e da elaboração do plano de cargos e salários dos servidores de educação, o município também vem enfrentando o problema de garantir o acesso das crianças à creche, uma vez que vem crescendo a demanda por este serviço.

Em 2009 a procura da comunidade pela creche foi grande. Todas as pessoas que procuraram a instituição foram inscritas e ao fazer a inscrição os dados foram enviados para SEMED, onde foram utilizados alguns critérios de seleção para efetivação da matrícula, de acordo com o quantitativo de vagas por cada unidade como: ter irmão na unidade escolhida; estar em situação familiar de risco; ser portador de necessidades especiais; ter alguém na residência que seja usuário de drogas, presidiário ou ex-presidiário e o responsável que necessita da vaga para poder trabalhar.

Os critérios de seleção se devem à não garantia de acesso de todas as crianças a creches e pré-escolas. Esta realidade aponta que o acesso e a qualidade ainda é um desafio para o município de Mesquita. Entretanto, estes critérios apontam para uma infância em situação de risco em que a família encontra-se em caso de desemprego e miséria.

A matrícula das crianças selecionadas é efetuada por meio da cópia da certidão de nascimento, cartão de vacinação e histórico de saúde, mas fica ao encargo de cada

instituição educativa organizar a documentação das crianças e preencher a ficha de matrícula.

Assim, considerou-se que a oferta de vagas ainda é um dos principais problemas que desafia a administração municipal de Mesquita em relação aos direitos das crianças. A garantia destes direitos também está associado à criação de programas voltados para assegurar a proteção integral da criança, o que implica em criação de uma rede de atendimento voltado para a saúde, educação e alimentação.

Para as creches existentes na rede pública de Mesquita, o município por meio da Secretaria de Educação, vem apresentando projetos pedagógicos para os profissionais da educação voltados para o desenvolvimento das linguagens plásticas, simbólicas, musicais e corporais, como por exemplo, o Projeto Bem-Te-Vi, que, este ano, chega a sua 3ª edição e faz parte do projeto “Em Mesquita Criança Faz Arte”.

Nestes projetos, a secretaria premia com livros os alunos da rede municipal da Educação Infantil, Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que se destacam nas suas produções, de acordo com a faixa etária. O objetivo da premiação é estimular as crianças, jovens e adultos a produzirem seus próprios textos e a contá-los com a orientação dos professores envolvidos no concurso. Esse projeto está organizado da seguinte forma: **I** - Educação Infantil (4 e 5 anos): Produzir desenhos registrando de maneira seqüencial uma seqüência de histórias de conto de fadas, de tradição oral entre outras. **II** – Ensino Fundamental - Anos Iniciais: recontagem ou releitura de histórias. **III** – Ensino Fundamental - Anos Finais: textos produzidos pelos alunos, selecionados através de um concurso de produção de textos nas seguintes categorias: fábulas, poemas, redações e histórias em quadrinhos – a fim de serem apreciados pelos professores de Língua Portuguesa (e de ATICOM através de uma possível parceria). **IV** – Ensino Fundamental - EJA - 1ª a 4ª Fase: Produção de textos originais e individuais na seguinte categoria: memória, que consiste na recontagem das memórias do próprio autor, de um ente conhecido pelo autor ou a criação imaginária da mesma. **IV** – Ensino Fundamental - EJA - 5ª a 8ª Fase: Produção de textos originais e individuais nas seguintes categorias: artigo de opinião, poema, redação e conto, a fim de serem apreciados pelos professores regentes das turmas.

Além dos projetos pedagógicos, o município tem oferecido uma alimentação saudável para nossas crianças, contando com um cardápio nutricional variado e rico que atende às necessidades dessa faixa etária. Em 2005, foi instituída a semana de alimentação (SAE) na rede pública de ensino do Município de Mesquita, em

consonância com a Lei Estadual de Educação Alimentar nº 4856/2006, e tem como objetivo propiciar um aumento de mobilização e sensibilização da comunidade escolar para temas relacionados à promoção da alimentação saudável.

Para fortalecer a interação entre escola e famílias, a secretaria propõe a participação da família nas reuniões promovidas pela escola que deverão estar voltadas para garantir o direito dos pais acompanharem a vida escolar de seus filhos. Além disso, a interação visa que pais e profissionais compartilhem as responsabilidades e participem da formulação e implementação de projetos pedagógicos, mas o envolvimento e participação dos pais na escola, ainda se apresentam como um desafio.

Este desafio também aparece na pouca interação entre instituição educativa, família e Conselho Tutelar no que tange aos casos de crianças vítimas de negligência, violência doméstica, exploração sexual e trabalho infantil.

O reconhecimento destes desafios que vem sendo enfrentados pelo município, nos levou a desenvolver uma pesquisa com as mulheres que trabalham na creche e com as mulheres – mães cujos filhos estão freqüentando a creche municipal Margarida da Silva Duarte para traçar o perfil destas com a intenção de aprofundar nosso conhecimento sobre a realidade local.

## **Capítulo II – CRECHE: PERFIL DAS MULHERES**

... “O feminino ingressa assim num espaço de liberdade, onde seria mais justo falar do não concebido que da ausência de um conceito. A liberdade do feminino para definir-se nos tempos vindouros não se referirá à natureza como essência, mas como experiência. não negará o lugar corporal, primordial, a partir do qual ela vive e pensa o mundo, mas o integrara nesse pensamento de mundo. Não negar o passado, a cultura feminina que medrou a margem do mundo dos homens, mas tampouco a aceitara como álibi à exclusão e ao confinamento.” (Oliveira Apud Kramer)

Neste capítulo, que traça o perfil das mulheres-mães das crianças que frequentam a creche e das mulheres-educadoras, optamos primeiramente em fazer um breve histórico da creche, seguido pela apresentação do perfil das mulheres-mães das crianças que foi elaborado a partir do levantamento de dados nas 55 fichas de matrícula contendo dados referente à idade, estado civil, nº de filhos, instrução, etnia, religião, atividade econômica, renda familiar e participação em programas sociais, nº de moradores na casa. Para desenhar o perfil das mulheres-educadoras foi elaborado um questionário contendo os mesmos dados. Cabe esclarecer que estes dados foram complementados com o uso de entrevista semi-estruturada. As entrevistas, as fichas de matrícula e os questionários foram utilizados como instrumento de pesquisa.

## **2.1 - CEMEI Margarida Da Silva Duarte.**

*E é verdade que foi a mão que libertou a razão e produziu a consciência própria do homem”.*

Ernst Fischer

O Centro Municipal de Educação Infantil Margarida da Silva Duarte , é uma das creches construídas com recursos do programa Nova Baixada, e está localizado na Rua Inácio Serra, nº 473 no bairro da Chatuba, considerado pelos moradores como um bairro histórico em que reside a população de baixa renda e visto como uma das áreas de risco no município de Mesquita. Este bairro fica situado entre os bairros de Santa Teresinha e Edson Passos.

Esta creche foi inaugurada no dia 27 de junho de 2003 e iniciou seu trabalho com uma equipe contratada pela cooperativa chamada MULTIPROF composta por 3 professores, 9 auxiliares 2 merendeiras, sendo que a coordenadora pedagógica e a orientadora chegaram quase um ano depois, atendendo crianças de 2 a 5 anos em horário integral. Existiam nesse momento 3 turmas, sendo a primeira de 2/3 anos, a segunda de 4 anos e a terceira de 5anos.

A creche não possui em sua área externa, nenhum espaço coberto e nem sala destinada a reuniões. Atualmente a creche enfrenta problemas com a falta de material pedagógico e mobiliário.

Com o primeiro concurso público realizado em 2006, há mudanças de profissionais na creche, na medida em que, chegaram 7 professores, 7 auxiliares, orientadora educacional, dirigente de turno e professora coordenadora pedagógica, permanecendo apenas a diretora que continua no cargo até os dias de hoje e 4 auxiliares que atuam como monitoras, em função da capacitação que receberam no programa Nova Baixada e que ainda estão vinculadas a cooperativa MULTIPROF.

Atualmente, o CEMEI Margarida, atende diariamente cerca de 130 crianças de 6 meses a 3 anos de idade que permanecem na creche no horário das 7h15 às 17h15 e são filhos de mulheres que trabalham fora o dia todo e na maioria das vezes não tem quem tome conta dos filhos, ou em alguns casos, não tem o que comer e necessitam da creche para alimentar os filhos. Nesse ano de 2009 foram matriculados na unidade cerca de 120 crianças, sendo que 104 freqüentam a creche.

A proposta de trabalho da creche está voltada para uma educação contextualizada, respeitando sempre as etapas do desenvolvimento infantil. Busca-se facilitar o processo de desenvolvimento através de organização de situações de aprendizagem. O projeto político pedagógico da instituição encontra-se ainda em construção, assim como de todas as outras unidades, mas a unidade elaborou uma proposta pedagógica por meio de atividades pedagógicas.

As atividades pedagógicas são organizadas de modo a seguir uma rotina que vai desde a chegada das crianças na creche até o momento de saída, quando seus pais/responsáveis retornam de sua jornada diária de trabalho.

O cotidiano do Centro Municipal de Educação Infantil Margarida da Silva Duarte é composto de atividades que envolvem:

7:15 às 7:45 – entrada das crianças, acomodação nas salas
7:45 às 8h - hora do café da manhã
8:00 às 8:30 - hora da troca de roupa
8:30 às 11:00- atividades como: rodas de conversas, atividades dirigidas, atividades com musicas e recreação.
11:00 às 11:30 – hora do almoço
11:30 às 13:30 – hora do soninho
13:30 às 14:00 – hora do lanche
14:00 às 15:00 – atividades dirigidas
15:00 às 16:00 – hora do banho
16:30 - jantar
17:15 – saída

Toda e qualquer atividade vivenciada na creche tem sua importância para a criança. Do ponto de vista didático destacamos:

a) **Brinquedos e brincadeiras.** Tem como objetivo desenvolver as habilidades de forma lúdica e prazerosa. É o aprender brincando, usando o objeto, a arte, a música com o intuito de expressão e de socialização.

b) **Atividades Livres.** É o momento de permitir e possibilitar que a criança manifeste seu simbolismo, seu imaginário, entrando no seu mundo do faz de conta, de descobertas e imitações. É o momento de interação direta com os outros colegas de diferentes idades, e de descobrirem afinidades e diferenças promovendo assim seu aprendizado individual e social.

c) **Hora do Conto.** Este momento é propício para despertar nas crianças o gosto pela leitura, o prazer de folhear um livro e admirar as figuras que nele contém. Ouvir uma narração, incentivando assim o uso da linguagem e a imaginação das crianças para as lendas e histórias infantis, trazendo fascínio e deixando fluir seu imaginário e o simbólico.

A creche desenvolve uma proposta de trabalho com projetos, que tem como objetivo favorecer o desenvolvimento das crianças em seus diferentes aspectos: físico, emocional, cognitivo, além de desenvolver a autonomia, estimular a troca de experiências, valorizando sempre as interações, Oliveira a respeito disso, nos diz:

Assim, a definição de uma proposta pedagógica deve considerar a importância dos aspectos sócio emocionais na aprendizagem e a criação de um ambiente internacional rico de situações que provoquem a atividade infantil, a descoberta, o envolvimento em brincadeiras explorações com companheiros. Deve priorizar o desenvolvimento da imaginação, do raciocínio e da linguagem como instrumentos básicos para a criança se apropriar de conhecimentos elaborados em seu meio social, buscando explicações sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma. (OLIVEIRA, 2002, p.51)

Os objetivos são bem definidos, cada atividade deve ser planejada, levando em consideração o tempo, o espaço, as interações e o interesse dos alunos, pois toda atividade é uma ação intencional, e deve ter como objetivo a ampliação do universo da

criança. Outro aspecto primordial é a relação estabelecida com as crianças, a afetividade. A proposta curricular da unidade foi construída em grupo, com a participação de professores e auxiliares.

Diante destes objetivos, a equipe da creche busca promover o desenvolvimento pleno do ser humano nas suas mais diversas competências nos primeiros anos de vida, a chamada primeira infância. Assim se dá o nosso trabalho, visando sempre perceber a necessidade de apoiar e incentivar as habilidades e os valores inerentes à criança pequena, respeitando sempre sua individualidade.

Considera-se que o compromisso da equipe profissional da creche com a promoção do desenvolvimento da criança, implica levantar o perfil das mulheres-mães e das mulheres-educadoras com caráter apenas de orientação das ações que permitam o desenvolvimento do trabalho realizado na instituição.

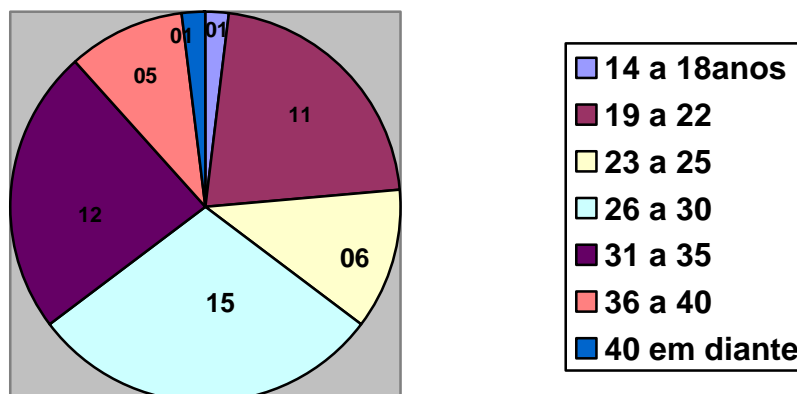
## **2.2 - Traçando o perfil das mulheres -mães das crianças**

Para elaborar o perfil das mães das crianças que a Creche CEMEI Margarida da Silva Duarte atende nas salas de 0 a 2 anos, fez-se um levantamento de dados a partir das 55 fichas de matrícula referentes à idade, estado civil, número de filhos, instrução, etnia, religião, atividade econômica, renda familiar e participação em programas sociais. Quando isso não era possível, obteve as informações perguntando aos sujeitos da pesquisa. Passaremos a apresentar os dados.

Em relação à idade, as mães apresentam uma faixa etária entre 14 a 40 anos, A faixa etária de maior incidência é a de 26 a 30 anos de idade, que representam 15 do total de 51 mães e esse foi outro dado da pesquisa e nos surpreendeu, pois achávamos que a grande maioria era mãe adolescente.

Vejamos o gráfico a seguir: IDADE DAS MÃES

idade das mães da creche



Verificamos também que na maioria dos casos as mulheres são mais velhas que os cônjuges. Esse dado coincide com a pesquisa do IBGE divulgada em 07 de março de 2008 que aponta o crescimento de 36%, em uma década, do número de casais em que a mulher tem idade superior à do companheiro. De 1996 a 2006, essas uniões passaram de 5,6 milhões para 7,6 milhões. Percebemos também que essas mulheres possuem em média três filhos, algumas com apenas 29 anos já possuem 5 filhos.

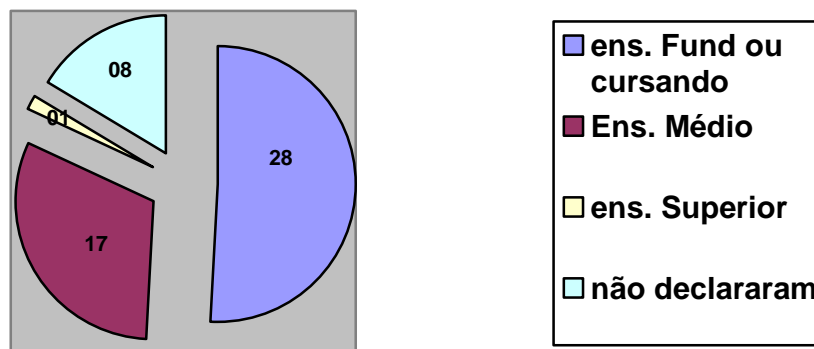
Em conversa informal, com uma das mães da creche, quando perguntada sobre a renda da família, respondeu que “não dava entrada no programa bolsa escola porque demorava muito”.

No que tange ao grau de escolaridade dos participantes, o nível está concentrado em dois principais grupos: no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Vejamos a seguir o gráfico representando o grau de instrução dos entrevistados:



## Escolaridade



Grande parte dos entrevistados abandonou o ensino fundamental antes mesmo de tê-lo concluído por causa do ingresso no mercado de trabalho, do matrimônio e da maternidade. Estas foram as principais causas da evasão escolar, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

"Eu não terminei os estudos não, sabe como é né? tive meus filhos, o pai tava desempregado, tive então que começar a trabalhar logo, pra poder ajudar, né? ai ficou ruim pra estudar de noite pq tinha q cuidar da casa" (Mãe M1, 29 anos – 6ª série)

"Eu parei já na 3ª série [...] aos 12 anos eu parei. Com 12 anos eu já estava trabalhando em casas de famílias conhecidas [...]" (Mãe M9, 31 anos).

Vilma Silva (1999, p. 53-54) chama atenção para as implicações do trabalho sobre a escolaridade das mulheres:

O trabalho fora de casa também é causa de afastamento das mulheres da escola. A maior parte das mulheres que trabalham fora é como empregadas domésticas. [...] Este tipo de atividade profissional acarreta dificuldades na frequência e assiduidade das mulheres na escola [...] Quando os(as) patrões(oas) se mudam, se as empregadas moram com eles (as), têm de acompanhá-los(as) e, caso não more com eles(as) muda de emprego [...] As mulheres que trabalham em residências, se submetem aos horários estabelecidos pelos(as) patrões (oas), na maior parte das vezes inexistente o horário fixo, elas dependem da demanda do serviço.

<sup>6</sup> Os nomes de todas as mães foram codificados de acordo com a ordem das entrevistas concedidas. Ex: M1 representa a primeira mãe entrevistada.

Além desses fatores, apareceu também nos relatos das mulheres que abandonaram os estudos na adolescência, o desestímulo pela escola por seus interesses estarem voltados para as experiências próprias da adolescência, como os namoros, a “turma”, as festas, a espera do casamento, etc:

*Vivia atrás de namorado. Eu ia pro colégio, aí ia com uma colega minha... E a gente ia atrás de namorado, né? Conversando besteira...Gazeava aula bastante. Aí com o tempo, peguei deixei de estudar. (M6, 36 anos, cursou até a 5ª série).*

Apesar do casamento deixar de ter sido visto como uma obrigação na trajetória de vida da mulher desde as reivindicações feministas da segunda metade do século XX, ele ainda representa, para algumas, uma necessidade social e econômica. Um meio de garantir subsistência, segurança e a realização da sua função “natural”: a maternidade.

Segundo Ana Potter, Deolinda Xavier e Tereza Freitas (2002, p.67–68):

*Algumas ou muitas mulheres vêem o casamento como a possibilidade de retirar-se de uma participação coletiva, onde as cobranças são altas e as gratificações pequenas. O espaço público continua de domínio masculino e o privado revela-se, aparentemente, como mais seguro, perpetuando-se, assim, a submissão psicológica.*

Verificamos, que tudo isso indica que o lugar do casamento e da maternidade na vida da mulher ainda é um fator que interfere muito em sua escolarização. Principalmente a maternidade, pois o número de filhos e a idade deles muitas vezes é o que define se a mulher terá ou não disponibilidade para se dedicar aos estudos.

O que nos chama a atenção é que dentre os sentimentos que emergem dos relatos sobre o abandono da escola, destacam-se o arrependimento e a culpa:

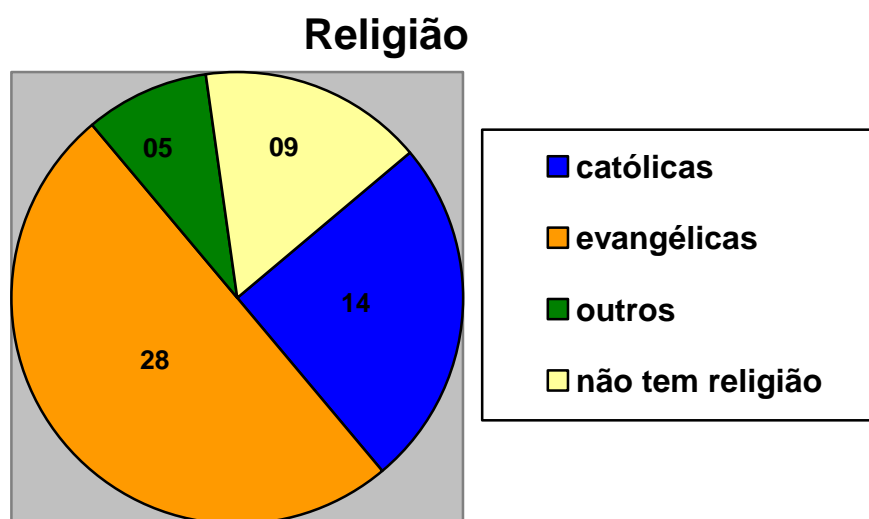
*“Eu continuo gostando do meu marido do mesmo jeito, mas... Se eu tivesse continuado meus estudos, hoje talvez a minha vida fosse outra, né?” (M2, 33 anos).*

Essa pesquisa nos mostra que, em um determinado momento de suas vidas, as mulheres começam a ter uma outra compreensão de si enquanto sujeito, do seu lugar no casamento e de suas escolhas.

Como podemos ver no gráfico ilustrado na página anterior, uma das mães entrevistadas ingressou na universidade e está cursando Pedagogia por acreditar em ter

uma colocação melhor no mercado de trabalho e por ter a necessidade de estar atualizada para ajudar os filhos nas tarefas escolares ou para servir-lhes de exemplo. A entrevistada cita também a importância da aquisição de novas competências, habilidades, valores e a construção de conhecimentos.

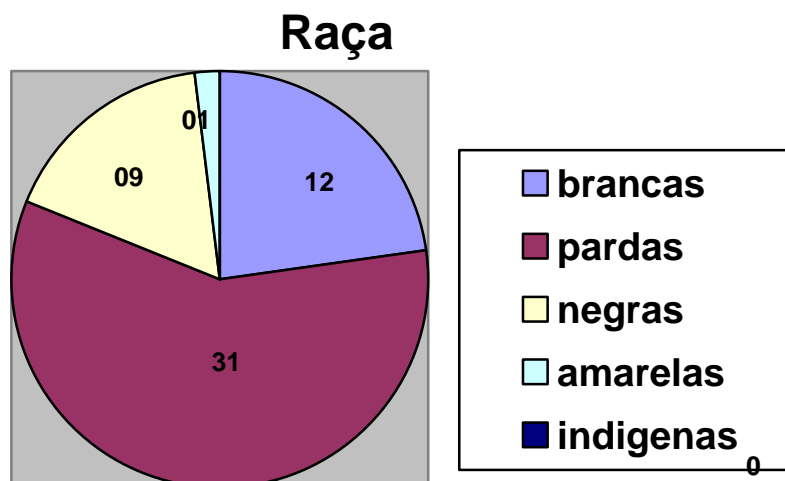
No que se diz respeito à religião, a Igreja Evangélica é a que apresenta a maior incidência, no grupo entrevistado, seguida pela religião Católica, depois aparece as mulheres que não tem nenhuma crença e por último aparece as mulheres que dizem freqüentar outro tipo de religião. Como nos mostra o gráfico a seguir:



As religiões mais citadas foram a evangélica e a católica como podemos observar na figura acima. Para essas mulheres, suas crenças religiosas são um apoio para as situações de crises e adversidades, dando conforto espiritual através das palavras de esperança que são transmitidas nas celebrações.

Segundo Vanzin e Nery (1998), as religiões que orientam seus fiéis não só podem oferecer apoio espiritual, mas também suporte material para auxílio nas dificuldades da vida cotidiana.

Em relação à etnia, utilizamos as categorias usadas pelo IBGE, (branco, preto, pardo, amarelo ou indígena), observamos que há uma tendência maior das pessoas se auto-classificarem como pardas ou brancas apesar das entrevistadas muitas vezes serem negras. Abaixo a tabela acerca da etnia.



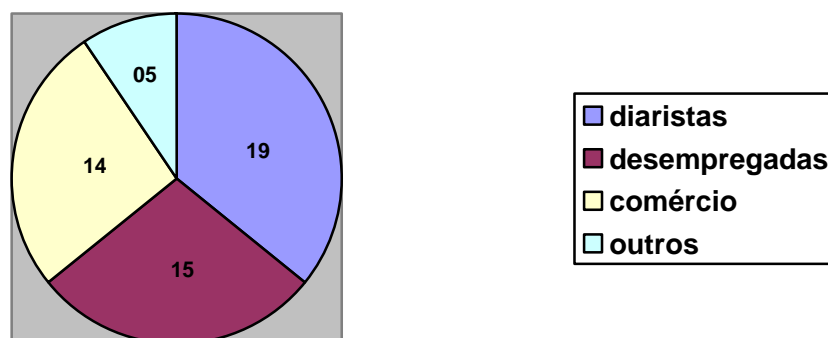
Falar sobre etnia no nosso país é uma questão complexa, uma vez que durante a entrevista, as falas das mães revelam ainda, que ser “preto” ou “negro” interfere no modo como as pessoas são tratadas, principalmente as negras, revelam também as marcas da discriminação, do preconceito e do racismo em suas vidas, como fica evidenciado no depoimento a seguir:

Uma vez consegui marcar uma entrevista de emprego por telefone. A pessoa me tratou super bem, depois quando a pessoa me viu pessoalmente já não me tratou como antes e disse que ia ver se ainda tinha a tal vaga, que eu podia aguardar o telefonema... conclusão, estou esperando há mais de 1 ano até hoje. Mas agora, graças à Deus, já estou trabalhando, sou diarista e sustendo a minha casa e os meus três filhos (M7, 28 anos)..

Assim como vimos no depoimento e podemos ver também retratado no gráfico abaixo que a maior parte das nossas entrevistadas trabalha no segmento de serviços

domésticos.

### ATIVIDADE ECONÔMICA DAS MÃES DA CRECHE



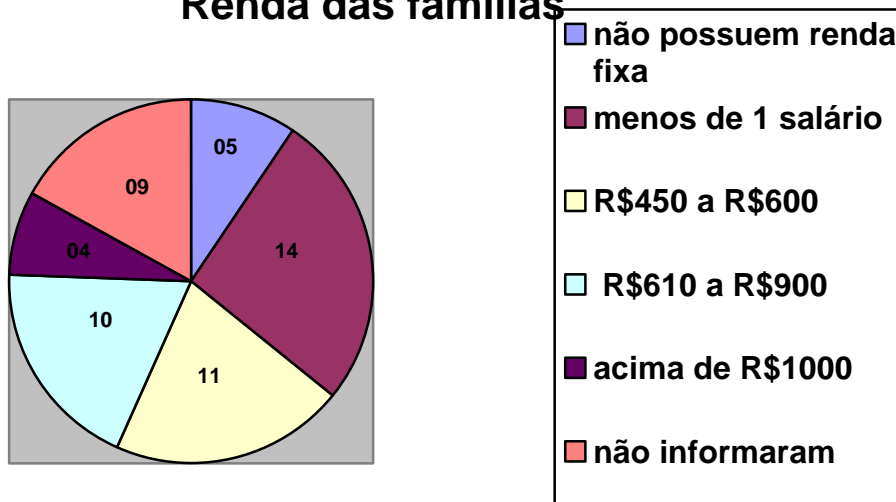
Das cinquenta e cinco entrevistadas, doze são responsáveis pelas despesas do lar, e apenas oito vivem do auxílio do Governo, como bolsa família e cestas básicas. Essas mulheres têm em média 3 filhos e a maioria faz de tudo para conciliar a dupla jornada: as obrigações domésticas com o serviço pesado fora de casa. Para algumas mães, o trabalho fora de casa torna uma necessidade devido às situações de desemprego dos cônjuges, à instabilidade de renda e aos salários baixos, que não são suficientes para cobrir as despesas das famílias. Estas se consideram guerreiras por trabalharem e sustentarem sozinhas o lar.

O comércio também aparece em grande escala em nossa entrevista e, tivemos inclusive uma mãe que mostrou com orgulho seu contra cheque, a mesma é atendente de uma rede de Fast Food. É importante ressaltar que a grande maioria das entrevistadas não possui qualificação, habilidade profissional para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais exigente e competitivo e onde o desemprego aumenta dia-a-dia.

Algumas mulheres alegam que não trabalham devido ao baixo salário que o mercado paga e que preferem trabalhar por conta própria, como manicure. Como escreve Sarti, “a baixa qualificação, baixa remuneração e sobrecarga de trabalho para as trabalhadoras pobres contribuem para tornar o trabalho remunerado muito pouco gratificante [...]” (1995, p. 145).

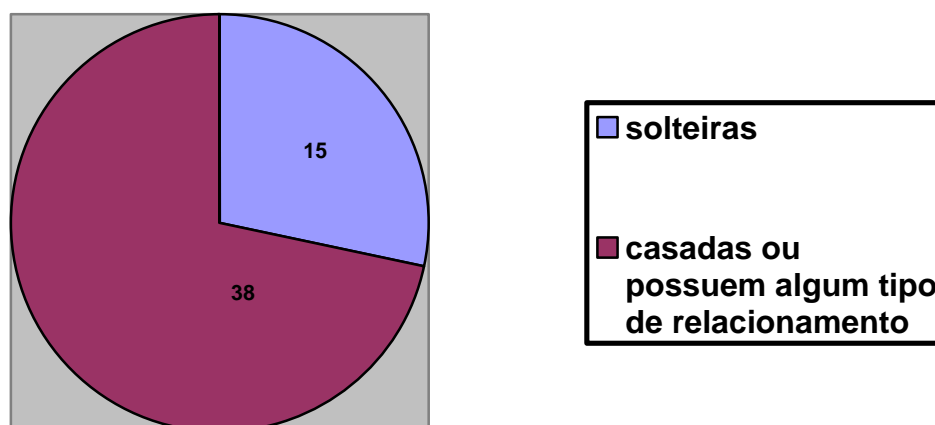
Assim, podemos analisar como variam a renda das famílias dessas mulheres:

## Renda das famílias



Constatamos também que as mulheres mais jovens são as que apresentam os melhores salários, a maioria é casada ou mora com seus cônjuges. A parcela menor representa mães solteiras, assim se intitulam, pois não mantêm vínculo ou relacionamento com os pais das crianças, apenas duas mães definiram seu estado civil como separada. Muitas dessas mães solteiras não têm nenhum tipo de contato com o pai da criança.

## estado civil



Apesar do gráfico mostrar uma grande parcela de mães solteiras, podemos verificar que a família nuclear ainda predomina e há um silenciamento em relação a

outros tipos de composição familiar. Denomina-se por família nuclear aquela constituída por casal mais filhos.

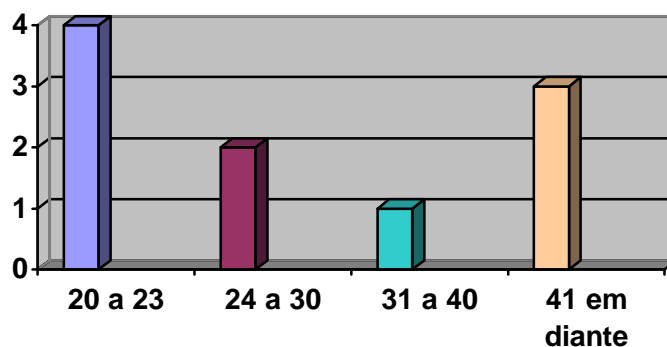
Passaremos a seguir a traçar o perfil das educadoras que atuam no CEMEI Margarida da Silva Duarte.

### **2.3 – Traçando o perfil das mulheres – Educadoras.**

Para elaborar o perfil das educadoras que trabalham na Creche CEMEI Margarida da Silva Duarte, elaboramos um questionário para fazer um levantamento dos mesmos dados que foram perguntados para as mães, ou seja, idade, estado civil, nº de filhos, instrução, etnia, religião, atividade econômica, renda familiar e participação em programas sociais, nº de moradores na casa, onde mora. Das 7 professoras, 9 auxiliares de creche, 3 monitoras que trabalham na creche, participaram da entrevista, 3 professoras, 5 auxiliares de creche, 2 monitoras, 4 professoras não puderam ser entrevistadas pelos seguintes motivos: 3 não trabalhavam com a faixa etária de creche e sim com a pré-escola, que até o momento ainda existia na unidade e 5 auxiliares de creche não puderam ser entrevistadas porque optamos por entrevistar apenas as turmas de 0 a 2 anos e os outros faziam parte do grupo de 3 anos, além de que o quadro funcional conta também com a participação de um auxiliar do sexo masculino na unidade, e por fim 1 monitora não quis participar da entrevista. A pesquisa contou ao todo com a participação de 10 profissionais da creche. A partir dos resultados obtidos, traçamos um perfil dessas profissionais de Educação Infantil.

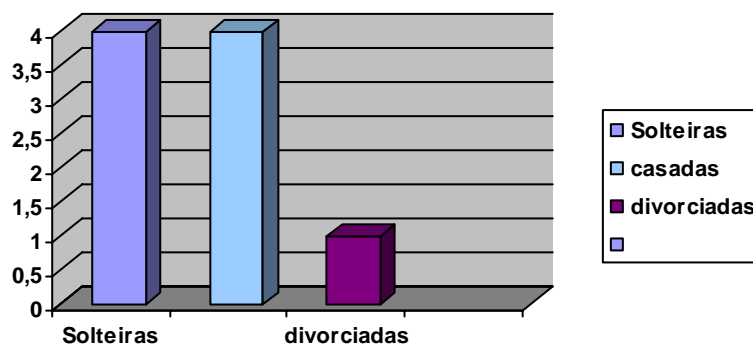
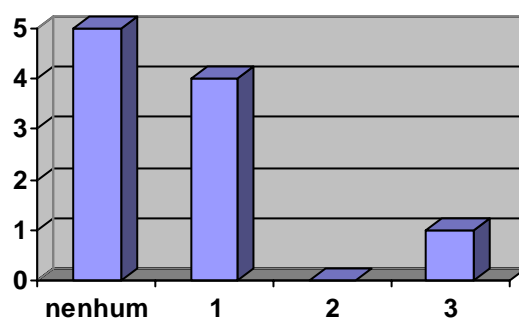
Essas educadoras (professoras, auxiliares e monitoras) situam-se, na sua maioria, na faixa etária entre 20 a 23 anos de idade. No entanto, as professoras são as que têm a menor idade, a faixa etária das auxiliares, está entre 23 e 45 anos, as duas monitoras entrevistadas possuem 23 e 60 anos. Vejamos no gráfico a seguir como varia a faixa etária das educadoras do CEMEI Margarida:

### idade dos funcionários



Levando-se em consideração que a maior parte das funcionárias é jovem e solteira, vejamos os resultados obtidos:

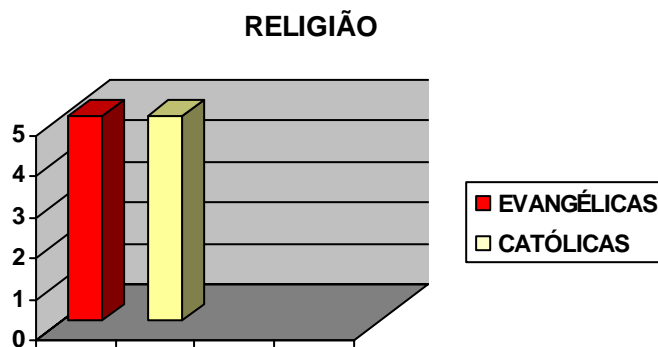
### Filhos



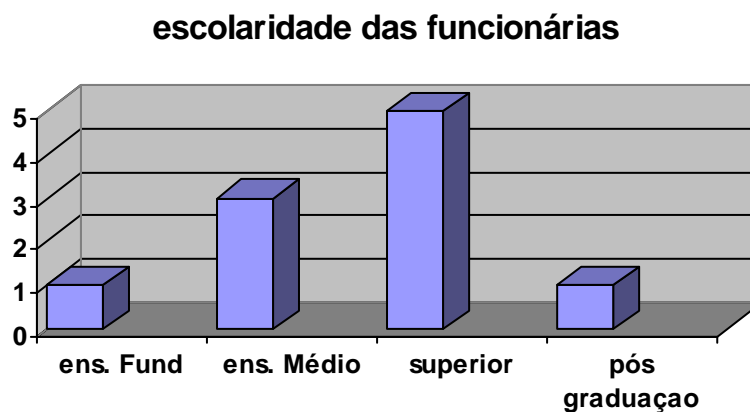
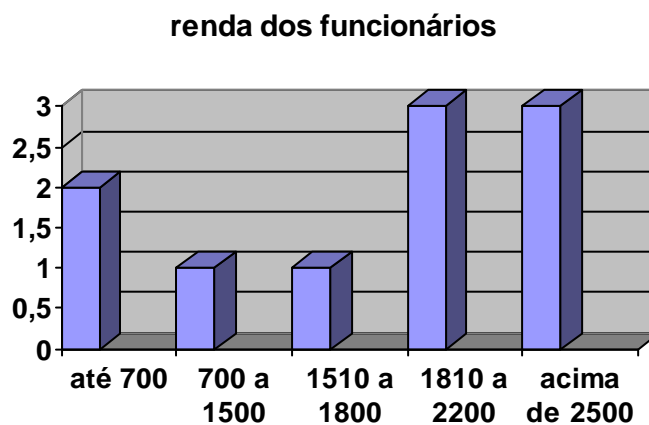
Quanto à religião, as únicas citadas foram a católica e a evangélica, o quantitativo de profissionais tanto católicos como evangélicos foi igual, assim como na



pesquisa com as mães, porém nenhuma outra crença foi citada nessa pesquisa como podemos observar na figura:



Vejam os gráficos a seguir pontuando a renda dos funcionários e a escolaridade:



Os resultados obtidos revelam que a renda familiar das entrevistadas, tanto das que possuem nível superior quanto das que possuem somente o segundo grau se equiparam, se formos levar em consideração o total recebido em família, no entanto ao considerarmos apenas o salário recebido, ou seja, a renda individual existe uma grande diferença salarial entre as funções. Outro dado relevante, é que as melhores condições salariais são favoráveis às profissionais que possuem nível superior, e também a faixa etária predominante, ou seja, de 20 a 23 anos. Vale ressaltar que as ocupantes desses cargos, exercem praticamente as mesmas funções: o único diferencial é que fica sob a responsabilidade das professoras a elaboração do planejamento, pois no dia a dia, as funções se “misturam”.

## Capítulo III – CRECHE: LUGAR DE HISTÓRIAS DE MULHERES?

Neste capítulo, que aborda as histórias das nove mães que foram voluntárias para complementar as informações obtidas pela ficha de matrícula, podemos observar como estas contribuíram para o entendimento da importância da creche para estas mulheres.

Nos encontros com as mães foi utilizada a entrevista semi-estruturada como instrumento de pesquisa. Cada mãe foi contactada na hora da saída ou da entrada para combinar o dia e o horário da entrevista. As perguntas não foram apresentadas numa seqüência rígida, mas aconteceram conforme a dinâmica da entrevista. Começou-se pedindo à mãe que falasse sobre o seu cotidiano. Interessava-nos conhecer o seu estilo de vida e a importância da creche para a família e a criança. No decorrer da entrevista abordaram-se as questões referentes à:

- Opinião da mãe sobre o papel da creche;
- Interferência da creche na família;
- Percepção das reações das mães diante da ausência da creche.

Ao final de cada entrevista semi-estruturada, registrada por meio de gravações com transcrição imediata, nós as analisamos por fases: 1. audição da gravação, acompanhada de leitura das transcrições; 2. identificação das respostas às perguntas formuladas e de pontos-chave colocados; 3. síntese das respostas e comentário pessoal sobre o conteúdo analisado; 4. identificação de temas comuns e divergentes entre os entrevistados; 5. escolha de pontos nodais que emergiram das entrevistas e do diálogo entre os relatos e a produção de textos dos pesquisadores brasileiros.

### 3.1 Histórias das mulheres - Mães: vozes silenciadas?

Só se ouve direito quem se liberta dos preconceitos; e só se liberta dos preconceitos quem é capaz de restituir a palavra ao silenciado.

Frei Antônio Moser

No encontro com as mulheres-mães das crianças que frequentam a creche, elas trouxeram suas vivências de lutas pela sobrevivência, sofrimentos e conquistas, na grande maioria apresentam um baixo nível de instrução formal, sendo que a maioria possui ensino fundamental incompleto. Tal informação reflete diretamente nas atividades exercidas pelas famílias, que são na maioria trabalhadores informais, não possuem carteira assinada, deixando assim de ter acesso a direitos como férias, décimo terceiro entre outros. Existem também as que dependem unicamente de auxílios do governo, como bolsa família e cestas básicas. Sabemos que a inserção da mulher no trabalho vem sofrendo transformações com a consolidação do capitalismo. Entretanto, as mulheres-mães das crianças que ganham o seu sustento com a prostituição, por um lado, chamaram a nossa atenção pela reserva e desconfiança que demonstraram, mantendo em sigilo o seu estilo de vida no trabalho como forma de proteção aos filhos. Por outro lado, as mulheres jovens que possuem menos de 30 anos e trabalham no tráfico de drogas na localidade, também nos chamaram a atenção pela exibição de seu estilo de vida. Segundo o jornal O Globo (11/09/2009) há um crescimento anual de 10% das mulheres envolvidas no tráfico de drogas. elas vêm ocupando posições até então estritamente masculinas dentro desse mundo, desempenham todo tipo de função até mesmo de donas de “boca de fumo”.

No que se refere à opinião da mãe sobre o papel da creche, as falas apontam que a creche é um espaço que atende as necessidades das mães trabalhadoras, mas demonstram que a relação creche e família é marcada por muita ambigüidade e procuram não expressar suas idéias, sentimentos e expectativas. Falam com poucas palavras para afirmar que não têm nada a reclamar e fazem referência à boa relação com os profissionais:

Eu não tenho nada pra reclamar das tias, a gente chega lá (...) às vezes elas vem cumprimentar a gente, recebem bem a gente, às vezes tem tempo até pra conversar com a gente. (Mãe 1).

Nunca reclamei de ninguém... Eu venho aqui pegar minha filha, falo com as professoras ... A professora é muito atenciosa...A gente conversa. Pergunto como ela passou o dia.... Mãe 2).

Constatamos que estes depoimentos revelaram que ainda permanece em algumas famílias uma relação silenciosa frente à creche, que utilizam como se estivessem recebendo um favor e não como cidadãos com direitos.

Embora praticamente também tecessem as mesmas considerações iniciais positivas, algumas mães conseguiram verbalizar algumas críticas a respeito da postura das profissionais:

Eu me dou muito com as professora, mas só que às vezes elas não aceitam a opinião da gente. (Mãe 3).

É boa. Praticamente assim, não tenho nada contra nenhuma delas... o ano passado tinha uma que eu não gostava um pouco... Não gostava por causa do jeito que ela tratava as crianças, era meia grossa. Mas esse ano tá ótimo...geralmente a gente pára pra conversar um pouco, principalmente de manhã.... (Mãe 4).

A dificuldade das profissionais da creche aceitar a opinião da mãe articula-se com o interesse e a preocupação dos responsáveis sobre o que acontece com o filho na creche, como demonstra a Mãe “S” que critica a pouca informação que as profissionais oferecem às famílias sobre como a criança passou o dia, principalmente no que diz respeito à sua saúde. A mesma considera ter um bom relacionamento com a creche, e embora admita que tem liberdade para falar o que pensa, tem a impressão de que a instituição não gosta da sua postura.

Eu me relaciono bem com todos eles. Mas sinto que elas [profissionais] não gostam quando falo e pergunto sobre meu filho... Ficam assim meio...com raiva. Acham que a gente não está gostando, que a gente está brava, que a gente...sei lá! Eles ficam sem graça. Mãe “S”.

Os cuidados das mães com a creche em relação as suas críticas tornam-se um aspecto a ser considerado porque destaca as condições de receptibilidade da família pela creche e a função social da creche que fica apontada na questão que aborda a interferência da creche na família.

Em relação à interferência da creche na família, as mães destacam a reunião de pais promovida pela creche como sendo o único espaço que a instituição oferece aos pais para demonstrarem seu compromisso com a criação de seus filhos. Assim elas referem-se à reunião de pais, como sendo esta a única referência que a creche tem para avaliar tal questão, e logo foram explicando a ausência delas em algumas reuniões. A dificuldade de deixar seus filhos com alguém aparece como a justificativa mais presente, como ela nos fala:

Tem vezes até que deixo de ir.. porque a gente tem que ir mas os filhos têm que ficar em casa... Essas coisas, e aí tudo é sempre a mesma coisa.( Mãe 3)

Eu participo, não muito agora,...esse ano eu já perdi duas reuniões. Eu sempre participei, eu nunca fui de perder reunião. Eu só perco mesmo o dia que eu não tenho com quem deixar os filhoss. Eu não posso deixar uma criança pequena sozinha ou na mão de uma outra criança. (Mãe 4).

Ao lado da dificuldade de deixar as crianças com alguém, também aparece o trabalho como um outro fator citado:

Vou sempre. Só não fui em uma, desse mês passados, que eu cheguei tão cansada do trabalho... (Mãe 5).

Não são todas assim que eu vou. Que nem, quarta-feira agora teve uma reunião, né?...Então, quer dizer, se eu fosse na creche, abre às 7h 30min, mas a reunião começa às 8h 15min. Até todo mundo chegar, tal. Então daí, ia ficar muito tarde;eu tava cansada, trabalhei o dia todo. Eu pensei assim: “Não, eu não vou na reunião, depois eu me informo, procuro saber”. Foram duas reuniões que esse ano eu faltei s! (Mãe2.)

Uma mãe também considera que as reuniões de pais são desinteressantes e relata uma experiência que aponta para a reclamação das educadoras e diz:

Ah, elas falam, falam, não adianta de nada. Ninguém cumpre o que é pra fazer... Todos os pais têm que vir, têm que vir para participar, para ver como é que os filhos estão... Eu vim na reunião aqui, se teve quatro pessoas da sala da minha filha eu acho que foi muito. (Mãe)

Ela considera que a reunião está restrita ao comparecimento dos mesmos pais, ou seja, de “*cinco ou seis mães de sempre*”. A reclamação é apontada por uma mãe como a fonte que move a presença da mãe na reunião ou a que afasta ela da creche e sugere:

Ontem na reunião tinha uma mãe reclamando muito das tias, mas essas mães não aparecem na creche pra nada, apenas pra reclamar!

Ao perguntar as mães sobre a ausência da creche, elas nos responderam que :

Teria que pagar uma creche particular e ia a metade do meu salário embora.

Não fala isso nem brincando, a creche é essencial na vida da gente. Eu e meu marido trabalhamos fora e aqui meu filho se alimenta, tem com quem ficar para a gente trabalhar.

Deus me livre, aqui meu filho brinca, come, aprende, canta, dança, toma banho, dorme, depois que ele entrou na creche ficou muito mais esperto, sabe mais as coisas, fala melhor. Se a creche fechasse ele ia parar de estudar, não tenho dinheiro para pagar escola particular.

A creche faz muita falta na comunidade porque não temos condições financeiras de pagar passagem para ir e levar a criança.

Teria que largar o meu emprego porque não tenho com quem deixar a menina, e não tenho dinheiro para pagar uma babá. Muitas mães deixam o emprego logo depois que a filha dela nasce por causa dessa dificuldade. Se a creche fecha seria um tormento na minha vida porque trabalho e pago aluguel e não conto com mais ninguém.

Na creche, eles brincam e participam das atividades junto com os coleguinhas. Durante todo o dia é assim: eles recebem os cuidados da equipe de professoras e voltam para casa só no fim da tarde. Se a creche fechasse hoje seria uma perda muito grande para a nossa comunidade. Iria com as outras mães para a porta da prefeitura reclamar.

Seria uma falta de respeito com as crianças, com as famílias e com os profissionais que trabalham nessa aérea.

Graças a Deus isso é só uma suposição, aqui meu filho tem alimento, faz atividades, se relaciona com outras crianças e nesse espaço ele encontra amor, carinho, atenção.

Ia chamar as outras mães e ia fazer um apelo às autoridades desse município para buscar uma solução.

Estas reações das mães diante a ausência da creche expressam a necessidade da creche pensar sobre a concretização de uma proposta pedagógica adequada a realidade social no que se refere à importância de conhecer as famílias e as crianças que são atendidas pela rede pública.

### **3.2 Histórias das mulheres-educadoras: vozes que silenciam?**

Ao propor a mesma pergunta aos profissionais da creche em relação à interferência da creche na família, eles mostraram como desenvolvem a relação com os responsáveis. A reunião de pais e a conversa informal foram enfatizadas pela maioria como aspecto importante para compreender a interferência da creche na família. Para algumas profissionais, a relação delas com as famílias é satisfatória, tranquila e sem problemas, afirmando que a informalidade faz parte do dia-a-dia, principalmente por parte de quem já possui um tempo maior de convivência. Conforme nos falaram duas profissionais:

Eu converso com os responsáveis sobre coisas que não tem nada a ver com a creche, sobre o dia-a-dia, sobre o dia deles, sobre o meu dia, sobre qualquer coisa. Meu relacionamento com eles é muito bom. Só alguns pais que são meio assim "fechados", que não falam mesmo, mas com a maioria eu me dou super bem". (Auxiliar de Creche C).

Eu particularmente, sempre me dei bem com todos, sempre tive uma relação boa com todos, em geral... (ASG D).

A professora "A" entrevistada também considera possuir uma relação de proximidade e descontração com as famílias, embora admita que nem sempre o relacionamento vai "às mil maravilhas", pois existem momentos de confronto, de agressividade, que demonstram o quanto estas relações apresentam dificuldades e faz o seguinte relato:

Eu nunca tive problemas com as mães, geralmente a gente conversa. Lá na minha sala mesmo, a maioria das mães, eu falo com elas como se fossem bem próximas; a gente brinca, a gente ri, acho que tem que começar por aí, mas é claro que tem uma mãe aqui que, meu Deus! Ela fala contigo assim...Você vai dizer uma coisa pra ela sobre o filho, ela já vem com dez pedras na mão..... (Professora A)

Esta professora considera que o enfrentamento significa a busca de alternativas para a superação das situações difíceis com as crianças que estão presentes no dia-a-dia da creche. Ela considera que o diálogo é fundamental para conhecer melhor o contexto social em que as crianças com quem trabalham estão inseridas:

Acho que o diálogo vem em primeiro lugar para que possamos nos conhecer, procuro conversar com os pais... A partir desse momento, a mãe já vai começar a ter mais confiança em ti, de repente, ela pode ter algum problema, ela pode falar pra mim...Tem pais que são mais difíceis realmente para se chegarem a eles ou eles chegarem até a



mim, mas sei que tenho que continuar tentando, né? Acho que deve começar pelo diálogo para, conhecer mesmo a criança, a sua realidade, onde ela vive, como ela vive.(professora A).

Para a auxiliar “S” da unidade escolar as relações creche-família são mínimas. Deveria haver maior integração entre as duas instituições, pois a própria relação da profissional com as crianças teria uma outra dimensão, à medida que a creche conhecesse melhor a realidade das famílias das crianças e fala:

O relacionamento entre creche e família é muito pouco, a professora que trabalha direto com a criança e não sabe o que está passando, não conhece a realidade da criança...Porque tinha aquela criança que chegava na creche com o sapato todo sujo, às vezes a professora dizia: "Ah, não sei porque a mãe não cuida, essa criança vem com o sapato sujo". Mas onde esta criança passava era só lama, era só barro. Aí que a gente pôde ver um pouco... a gente não conhece, porque a gente não está no dia-a-dia dentro de casa para saber o que passa... (auxiliar s)

Algumas professoras entendem a ausência dos pais nas reuniões de pais na creche associada ao pouco diálogo dos pais com as professoras no cotidiano escolar e comentam que eles deixam seus filhos rapidamente nas salas, e vão embora em seguida, demonstrando pouco interesse em iniciar uma conversa com elas. Elas relatam que as famílias mantêm uma distância.

Vejo que aqui, a grande maioria dos pais entrega a criança e vai embora. Se tu não puxares um papo, não comentar alguma coisa, eles não ligam (Professora “V”).

Eles chegam, entregam a criança e vão embora, sem aquela preocupação de perguntar como é que está a criança....(Professora “M”).

A não presença dos pais na reunião é uma questão ressaltada pela maioria dos profissionais que se mostraram irritados pelo desinteresse da família. Eles entendem que a participação dos pais na reunião da creche é de fundamental importância para eles conhecerem o desenvolvimento das crianças. A professora “M” resalta que eles têm outros interesses. Estes são diferentes dos interesses da escola: *“Eu acho que eles vêm aqui só para saber quando é que vai ter feriado, quando é que não vai ter creche”*.

Em relação aos interesses dos pais a auxiliar “B” considera que eles não querem exercer a capacidade de opinar e discordar, porque “*não há um interesse coletivo. O pessoal aqui não vem. Eu não sei o que falta fazer. São poucos os pais participativos. o espaço físico da creche nunca ficou lotado por pais*”.

A professora “M” também destaca o desconhecimento da creche em relação às expectativas e sugestões dos pais acerca da creche e conta que a instituição não chama os pais e nem procura conhecê-los e nos diz que:

*A creche não promove uma interação entre pais e família das crianças, não cria alternativa e nem forma de participação deles no contexto educacional. Então, eu acho que o mais importante é ir para dentro das salas e conversar... Chamá-los de outra forma para dentro da creche... Conversa com os pais na sala, é o que está favorecendo o andamento da turma ou não.... O que eles esperam de nós professoras, enquanto profissionais, é um assunto que eles não gostam de falar e nem como é que eles querem que os filhos deles saiam daqui... Nas salas de aula com os pais não há uma dinâmica de grupo para eles conhecerem o que as crianças fazem aqui., para eles verem como o trabalho acontece, mostrar o material que a gente usa, mostrar os trabalhos que as crianças estão fazendo....*

As falas dos profissionais da creche destacam como pontos básicos: participação dos pais nas reuniões e a mostra do trabalho com as crianças para os pais como condição para o desenvolvimento da criança. Essa maneira de ver a interferência da creche na família ajuda aos educadores olharem para a reunião como referência para fazer o seu julgamento sobre a ação dos pais com os filhos e a ação deles na reunião. Entretanto, essa maneira de ver a participação como presença na reunião não dá conta de tornar visíveis as variadas formas de se olharem às relações de proximidade, de distanciamento, de semelhanças, de diversidade, de inclusão e de exclusão que se estabelecem no espaço escolar.

Podemos dizer que a participação dos pais na reunião funciona de maneira adequada para pensar um projeto de educação que se construa coma visão de desestabilizar as certezas e as verdades consideradas absolutas para afirmar que o mais importante

(...) é perceber que as interpretações ambíguas, paradoxais, contraditórias que coexistem no mesmo sujeito, criando a aparência de incoerência, na verdade exprimem um processo de conhecimento, a criação de uma cultura ou de um saber a partir de ambigüidades que não estão na consciência dessa população, mas na realidade em que vivem (CHAUI,1986:158).

## Considerações Finais

A história da creche liga-se às transformações do papel da mulher na sociedade, e suas repercussões no âmbito da família, em especial no que diz respeito à educação dos filhos. A expansão do atendimento em creche está vinculada ao processo de industrialização e do setor de serviços, atrelada ao processo de urbanização das grandes cidades.

No Brasil a educação infantil registrou grandes avanços legais no que se refere ao seu vínculo com a educação e ao reconhecimento das crianças como sujeitos portadores de direitos. Entretanto, para que o direito da criança à educação se torne realidade, não é suficiente a inclusão das creches no sistema educacional, mas também a garantia da qualidade do que é oferecido. O Plano Nacional de Educação estabeleceu padrões mínimos de infra-estrutura.

Este trabalho observou que a Prefeitura Municipal de Mesquita está buscando responder às determinações legais da Constituição Federal de 1988 por meio da construção de uma política pública de educação infantil que se caracteriza pelo investimento lento e gradual no que tange à ampliação do acesso das crianças a rede pública de educação infantil e à melhoria da qualidade do atendimento.

Por trabalharmos em uma creche, observamos de perto as conquistas da Educação Infantil, principalmente para as crianças de 0 a 3 anos. Estas abordagens contribuíram de forma significativa, para a transformação do nosso olhar no trabalho pedagógico, tendo como foco a criança, além de nos levar a algumas reflexões. Talvez para essas famílias, um espaço que mantenha as crianças fora da violência urbana e local, além de bem alimentadas e bem cuidadas, seja suficiente para atender às suas necessidades mais imediatas, especialmente as da mãe trabalhadora: não poder permanecer em casa e não ter com quem, nem onde deixar as crianças.

Conforme preconiza o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), creche e família têm papéis complementares na educação e cuidado da criança, é preciso consolidar uma interação saudável, permeada por troca, tolerância, confiança. Considerando que o cuidado da criança compartilhado por vários adultos é uma dinâmica relacional complexa, mesmo entre membros da própria família, fica evidente que não há como eliminar o surgimento de conflitos. Assim, a interação saudável demanda o reconhecimento desses conflitos e sua superação.

Desse modo, nessa reconstrução das interações, criam-se condições para que as pessoas que cuidam (familiares e trabalhadoras das creches) redesenhem seus papéis e descubram novos contornos em si mesmas. Por exemplo, torne-se menos conflitante para os pais a idéia que outras pessoas além deles são significativas para o desenvolvimento da criança e, para as educadoras, o cuidado das crianças e dos pais seja visto como função intrínseca a seu papel profissional.

Quando refletimos sobre as instituições escolares, surgem grandes questionamentos, principalmente sobre as instituições de educação infantil. Depois da família, a creche é responsável pela educação dessas crianças que desde muito pequenas são separadas de sua família por opção ou por necessidade, por sua mãe precisar trabalhar. É claro que permitir que todos participem dando a sua opinião não é fácil, mas se queremos um futuro melhor para nossas crianças e para nossa sociedade, precisamos lutar por isso sem desanimar, pois se a educação é mesmo o futuro de uma nação, ela também está em nossas mãos, para isso temos que realizar um trabalho integrado entre escola e família.

Por esse motivo, considerou que um dos desafios para o desenvolvimento da educação infantil é a realização do diagnóstico local para pensar programas e ações focadas na garantia de direitos de crianças e mulheres.

É certo que há muito para se fazer na educação, principalmente infantil, e a boa formação ainda não alcançou todos os profissionais, mas o crescimento e desenvolvimento desta educação para crianças pequenas vêm aumentando cada vez mais. As políticas públicas estão voltando seu olhar para a educação da criança pequena e começam a enxergar que os tempos mudaram e a educação não pode parar no tempo.

A creche, embora tenha sido criada fundamentalmente para atender às necessidades políticas e econômicas da sociedade, pode ser um ambiente educativo valorizado, onde o acesso aos bens culturais seja facilitado e oferecido à criança, estimulando o seu desenvolvimento, respeitando a sua dignidade, alteridade e os seus direitos de cidadã.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCE, Alessandra. A Pedagogia na “era das revoluções”: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas, SP: 2002.
- CAMPOS, Maria Malta; FULLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena. A qualidade da educação infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. Cad. Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, 2006.
- CHAUI, Marilena. Conformismo e resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil, 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- FRIEDRICH, Engels: A origem da família da propriedade privada e do estado. Editora Global 1986.
- GOMES, Gustavo Maia e MAC DOWEL, Maria Cristina. Descentralização política, federalismo fiscal e criação de municípios: o que é mal para o econômico, nem sempre é bom para o social. Brasília, DF, 2000.
- GUIMARÃES, Ana Cláudia. Uma vida nada cor-de-rosa nas bocas-de-fumo. in: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2007/10/27/326930083.asp>. 2007.
- JÚLIO, Carlos Alberto. Reinventando você: a dinâmica dos profissionais e a nova organização. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- KRAMER, Sonia (org) Profissionais de educação infantil: gestão e formação. São Paulo, ed. Ática, 2005
- KRAMER, Sônia. Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões. In: MACHADO, Maria Lúcia de A. (org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

- KRAMER, Sônia. In, Cerisara, Ana Beatriz o Referencial Curricular Nacional para a educação infantil no contexto das reformas. <http://www.scielo.br/2002>
- LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (org.) História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000. p. 450 – 453.
- MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 1999.
- MEDEIROS, Alexandre. O Município caçula. in: <http://epoca.globo.com/edic/19991115/brasil7.htm>.
- MELO, Débora Teixeira: Educação e cuidado em Creches: pós LDB 9394/96.
- MOSER, Frei Antônio, in Maria Castilho de Andrade, Mulheres prostitutas <http://www.hottopos.com/seminario/sem2/cris1.htm>.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes. Creches: Crianças, Faz de Conta & Cia; 14 ed – Petrópolis, RJ: Vozes 2008
- \_\_\_\_\_. Política Nacional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994.
- \_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação: Lei 10.172, de 09.01.2001. Edição Especial do Seminário PNE Verso e Reverso. Rio de Janeiro: Folha Dirigida, 2001.
- POTTER, Ana; XAVIER, Deolinda G. & FREITAS, Tereza. Dourando a pílula: um estudo de gênero e cultura popular. In: STREY, Marlene N.; LYRA, Ângela V. & XIMENES, Lavínia de M. e Silva. Gênero e questões culturais: a vida de mulheres e homens na cultura. Recife : [s. n.], 2002 p. 67-68.
- REIS, Marília Freitas de Campos. Infância, escola e pobreza; ed autores associados. 1ª edição (2002)

- SANCHES, Emília Cipriano. *Creche: Realidade e Ambigüidades* / Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- SARTI, Cynthia Andersen, (1995). O valor da família para os pobres. *In: RIBEIRO, Ivete, RIBEIRO, Ana Clara Torres (orgs.). Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira.* São Paulo: Loyola, p. 131-150.
- SILVA, Maria Fátima de Souza. *Das Terras de Mutambó ao município de Mesquita - RJ: Memórias da Emancipação nas Vozes da cidade.* 1.<sup>a</sup> ed. Mesquita: Entorno, 2007.
- SILVA, Vilma M. da. *As implicações das relações de gênero no processo de evasão da educação de jovens e adultos.* 1999. 89f. Monografia (especialização) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- TOLEDO, Cecília. *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide.* Revista *Marxismo Vivo*. Nº02, Outubro 2001.
- VANZIN, A. S.; NERY, M. E. S. *A família e suas necessidades humanas básicas.* *In: Enfermagem em saúde pública.* Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 1998. p. 43-72.
- <http://www.IBGE.gov.br/home>